IPS Instituto Politécnico de Setúbal
Escola Superior de Educação

MARA EMANUEL
FOLQUES CARVALHO
DA CUNHA SARGEDAS

A IMPORTÂNCIA DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NO 1ºCEB, A PARTIR DE UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

ORIENTADOR

Professor Especialista Pedro Felício

Janeiro de 2022

RESUMO

O presente relatório de investigação denominado de "A importância das Expressões Artísticas no 1ºCEB, a partir de uma abordagem interdisciplinar" foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, com objetivo de compreender o impacto que a educação artística tem e de que forma influencia no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o intuito deste trabalho é o de perceber como as expressões artísticas são relevantes nas aprendizagens das crianças, e de que forma a interdisciplinaridade influencia o desenvolvimento de capacidades.

Nos dias de hoje, é necessário adotar diversificadas estratégias, que sejam inovadoras para o ensino e aprendizagem dos alunos. A Arte surge como um fator importante nessa inovação cada vez mais precisa no sistema de ensino. Por ser algo tão versátil, permite que os alunos sintam motivação para explorar não só componentes artísticos, como também componentes de outras áreas.

O papel do professor é fundamental para o desenvolvimento das mais variadas capacidades nas crianças, e é importante que tenha um caráter encorajador e motivador, para motivá-las a explorar mais materiais e estratégias, e pensar "fora da caixa", saindo da zona de conforto.

Neste estudo, mostrado ao longo deste relatório, segue uma metodologia de caráter qualitativo, com dados recolhidos através da realização de um estágio em contexto de 4º ano do primeiro ciclo do ensino básico, observando vários momentos, criados com o prepósito de análise da problemática, e através de uma entrevista realizada a um grupo selecionado de alunos da turma.

Em conclusão, a análise desta temática mostrou as vantagens significativas que a educação artística tem no processo de ensino-aprendizagem, e que, o facto de interligar com outras áreas, através da abordagem interdisciplinar, aumenta, ainda mais, a motivação e, por consequência, melhora os resultados.

Palavras-Chave: Educação Artística; Interdisciplinaridade; Expressões Artísticas;

ABSTRACT

The presente research report called “The importance of Artistic Expressions in Primary School, from an interdisciplinary approach” was prepared within the Master’s degree in Pre-School Education and Primary School Teaching, in order to understand the impact that artistic education has and how it influences the teaching-learning process. Thus, the purpose of this work is to understand how artistic expressions are relevant in children's learning, and how interdisciplinarity influences the development of their skills.

Nowadays, it is necessary to adopt diversified strategies that are innovative for the teaching and learning of students. Art emerges as an important factor in this increasingly needed innovation in the education system. Because it is something so versatile, it allows students to feel motivated to explore not only artistic components, but also components from others subjects.

The teacher's role is fundamental for the development of the most varied abilities in children, and it is important that it has an encouraging and motivating character, to motivate them to explore more materials and strategies, and to think "outside the box", leaving the comfort zone.

This study, shown throughout this report, follows a qualitative methodology, with data collected through an internship in the context of the 4th year of Primary School, observing various moments, created with the purpose of analysing the problem, and through an interview with a selected group of students in the class.

In conclusion, the analysis of this theme showed the significant advantages that artistic education has in the teaching-learning process, and that the fact of interconnecting with other areas, through the interdisciplinary approach, increases, even more, the motivation and, consequently, improves the results.

Keywords: Artistic Education; Interdisciplinary; Artistic Expressions;

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho, e toda esta etapa da minha vida, apenas foi possível com o auxílio e com o apoio de várias pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a sua concretização. A gratidão que sinto é enorme para com todos os que estiveram ao meu lado, desde o início até ao fim desta fase da minha vida.

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha mãe, pela educação que me deu e os valores que me transmitiu ao longo da vida, sendo uma grande parte de mim, fruto desse amor incondicional que senti ao longo dos meus 23 anos. Ao apoio inquestionável, e o papel que tiveste de ter, pai e mãe ao mesmo tempo, eu agradeço-te por tudo, e por nunca me teres deixado desistir deste pequeno objetivo que tinha.

Aos meus irmãos, agradeço o apoio e ajuda que me deram durante estes cinco anos de formação académica, mas também pelo apoio antes desse momento. Obrigado pelos conselhos e pelos momentos de descontração quando tudo parecia demais. Obrigado por, mesmo não estando perto, sentir que estão sempre ao meu lado.

À minha avó, agradeço por seres uma constante na minha vida, e pelos valores que me transmitiste de trabalho árduo e de lutar contra as minhas inseguranças e dúvidas. Foste sempre algo a aspirar, tal como a mãe, e por isso agradeço-te.

Quero agradecer à minha família, por sempre me encorajarem a ir mais além, mesmo quando sentia que não conseguia. Estarei eternamente grata por tudo.

Agradeço, também, à minha professora cooperante, professora Anabela, por nos ter recebido, a mim e à Catarina, de braços abertos e apoiando-nos em todas as ideias, oferecendo-nos abertura para a exploração dos nossos temas. Obrigada por tudo o que ensinou.

Quero agradecer, também, às crianças por me ensinarem tanto sobre a profissão que aspiro a praticar. Obrigada por participarem e pela disponibilidade constante.

Um obrigada ao professor Pedro Felício, por ter mostrado sempre disponibilidade para me auxiliar em qualquer dúvida e ajudar a ultrapassar todas as ansiedades e os receios sentidos durante esta etapa. E, também, por todos os ensinamentos. Muito obrigada.

Quero também agradecer aos professores Filipe Fialho e Ana Sequeira, por me terem ensinado mais o que esperava aprender, por me abrirem horizontes e a mente para novas ideias. Muito obrigada.

Quero agradecer à minha colega de estágio, Catarina, por estar ao meu lado durante dois estágios, que não teriam sido tão bem concretizados sem ela. Um muito obrigado pelo teu apoio constante.

Às minhas melhores amigas, Aniana e Rita, agradeço-vos por tudo o que foram e continuam a ser para mim. Foram o melhor que o percurso académico me trouxe, e vou levar-vos para o resto da vida. Obrigada por tudo, pela amizade, pelas aprendizagens e pelo apoio incondicional. Muito obrigada.

Índice

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1 – QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA 12

1.1. A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 12

1.1.1. O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 14

1.2. A IMPORTÂNCIA DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO 15

1.3. A INTERDISCIPLINARIDADE 18

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO 22

2.1. PROBLEMA, OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO 22

2.2. PARADIGMA 23

2.3. MÉTODO 24

2.4. PARTICIPANTES/AMOSTRA 25

2.5. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS 26

2.5.1. PESQUISA ARQUIVÍSTICA 26

2.5.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA 27

2.5.3. NOTAS DE CAMPO 27

2.5.4. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 28

2.6. PROCEDIMENTOS 29

2.6.1. RECOLHA DE DADOS 29

2.6.2. TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS 29

2.7. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 30

CAPÍTULO 3 – PRÁTICA SUPERVISIONADA 32

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO 32

3.2. RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES 32

Atividade 1 – Somos Livres (Português, Expressão Musical, Expressão Plástica) 33

Atividade 2 – Um azulejo para ti, mãe (Matemática, Expressão Plástica) 36

Atividade 3 – Deixa a tua marca (Português, Educação Literária, Expressão Plástica) 40

Atividade 4 – Pelos Caminhos de Portugal (Estudo do Meio, Matemática, Português, Expressão Plástica)..... 46

3.3. ENTREVISTA INFORMAL 51

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 56

REFERÊNCIAS E FONTES..... 62

ANEXOS 65

Índice de Anexos

ANEXO I – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADES “SOMOS LIVRES” 66

ANEXO II – FICHA DE LEITURA “SOMOS LIVRES”..... 69

ANEXO III – PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE “AZULEJO PARA TI, MÃE”..... 72

ANEXO IV – FICHA DE INFORMAÇÃO..... 76

ANEXO V – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE “DEIXA A TUA MARCA” 78

ANEXO VI – FICHA DE LEITURA “O PONTO”..... 84

ANEXO VII – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE “PELOS CAMINHOS DE PORTUGAL” 90

ANEXO VIII – FICHA DE TRABALHO “VAMOS DESCOBRIR PORTUGAL” 96

INTRODUÇÃO

A realização deste relatório é um instrumento que reflete sobre a prática desenvolvida ao longo do mestrado e sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do período de estágio, sobre as aprendizagens e experiências vividas sobre esse momento.

A escolha do tema surgiu tendo em conta o gosto pessoal pela área em si. Desde sempre foi algo que gostei de explorar e, a nível académico, as Unidades Curriculares preferíveis eram as relacionadas com as Expressões Artísticas. Fez, então, surgir o interesse pela exploração em contexto de primeiro ciclo do ensino básico.

Em segundo lugar, após alguma experiência, através de estágios de observação e da realização da prática de ensino supervisionada, destacou-se o facto de observar pouco a exploração da área durante a rotina de cada turma observada. Este facto fez sentir a necessidade de conhecer mais sobre o tema em questão, e a importância do desenvolvimento do mesmo, pesquisando os vários métodos que se poderiam utilizar.

Após algumas leituras sobre a temática, fui colocando várias questões e hipóteses que, posteriormente, se tornaram objetivos para a exploração do tema. Surgindo, assim, o tema principal deste relatório "A importância das Expressões Artísticas no 1º ciclo do ensino básico a partir de uma abordagem interdisciplinar".

Enquadrada a temática escolhida para esta investigação, apresento, então, a estrutura do presente relatório, constituído por quatro partes.

A primeira parte – **Quadro Teórico de Referência** – corresponde à fundamentação na qual me baseei no desenvolvimento desta investigação, pegando nas várias perspetivas, para arranjar respostas às questões colocadas inicialmente. A fundamentação teórica é sustentada por diversos documentos sobre a temática em questão, desde a educação artística, e a sua importância, até à abordagem da interdisciplinaridade, e como esta pode ser explorada, principalmente em relação às artes.

No capítulo dois, podemos encontrar as opções metodológicas, ou seja, a questão-problema e os objetivos para o estudo da própria, o paradigma da investigação, sendo este de caráter qualitativo, o método utilizado para esta investigação, a descrição da amostra de participantes neste estudo e também as técnicas e procedimentos de recolha de dados

e, por fim, a proposta de intervenção, explicando o planeamento feito para a prática supervisionada.

Na terceira parte estão descritas todas as planificações das atividades desenvolvidas em contexto de estágio, relacionadas com a investigação. Ao todo, foram realizadas quatro atividades, explorando o tema da interdisciplinaridade, e, no decorrer, descrevo como foi trabalhada e o feedback recebido pelos alunos e, no final, uma pequena análise sobre os resultados obtidos. Ainda na terceira parte, encontra-se a entrevista informal realizada a um grupo de alunos integrantes da turma, relacionada com o propósito desta investigação.

A quarta e última parte deste relatório é a reflexão final, onde é analisado todo o percurso desta prática e, também, os aspetos mais positivos de todo o trajeto desenvolvido e investigado, e como superaram as expectativas. Baseando-se na análise realizada nesta última parte, encontram-se respostas às questões colocadas inicialmente, no segundo capítulo deste relatório, exploradas durante a prática realizada em contexto de estágio. No final, é feito um balanço sobre todo o percurso que me direcionou até à realização deste relatório sobre o tema em estudo.

CAPÍTULO 1 – QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Segundo Eisner, refinar os sentidos e alargar a imaginação é o trabalho que a Arte faz para potencializar a COGNIÇÃO. Cognição é o processo pela qual o organismo se torna consciente de seu meio ambiente. Novamente os três gigantes da filosofia da Educação se encontram e nos alertam acerca da importância da arte para nos permitir a tolerância à ambiguidade e a exploração de múltiplos sentidos e significações. Esta dubiedade da Arte a torna valiosa na Educação: Arte não tem certo e errado, tem o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo (Barbosa, s.d.).

1.1. A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

De forma a enquadrar o tema deste relatório de investigação, sendo este "A importância das expressões artísticas no Primeiro Ciclo do Ensino Básico: uma abordagem interdisciplinar", é importante iniciar por definir o conceito de educação artística.

Analisando o conceito, podemos dividi-lo em duas partes: a "educação" e a "arte".

A educação, num modo geral, é um processo que permite que se aprenda conhecimentos, adquirindo competências de várias áreas e valores. Já a arte é um conjunto de criações do ser humano que tem como objetivo expressar uma visão sensível sobre o mundo que o rodeia, usando todo o tipo de recursos, desde plásticos a sonoros, para exprimir as suas emoções, sensações e ideias (Silva, 2019).

A educação artística é, então, a área que se centra na ajuda na exploração das emoções dos alunos através das expressões artísticas (plástica, musical e dramática), de forma a compreender o mundo ao seu redor.

A educação, por si só, é um processo de construção de identidades. Na área da educação artística, "ver, interpretar e fazer objetos artísticos são meios de formação de identidades, porque a mudança existe na medida em que se aprende: a nossa aprendizagem modifica a nossa identidade subjetiva", sendo a educação artística uma ponte para a construção da identidade (Eça, 2010, p. 135).

Eça (2010), contudo, refere que a educação não é apenas um processo de formação de identidades como também um processo de transformação social. Desta forma, através da arte é possível a transmissão de conhecimentos a nível de diversidade cultural e social.

Eça (2010), p.136, descreve as artes como "uma via de conhecimento, caracterizado pela utilização constante de estratégias de compreensão propondo questões como a universalidade ou a variedade da experiência humana". Logo a educação artística tem um papel essencial a desenvolver, a interpretar, questionando e, a partir daí, utilizar várias estratégias de forma a ser mais universal para com o currículo.

Eça (2010), p.139, refere também que "a educação artística tem justificado a sua importância como área curricular por diferentes razões ao longo da sua história. Os argumentos que a justificam revelam o espírito da época e da visão, muitas vezes política, do que pretende ser a sociedade do futuro" e, desta forma, "a educação artística contribui para a educação moral das crianças, através do cultivo da sua vida espiritual e emocional" e as crianças devem "poder projetar os seus sentimentos e as suas emoções e o seu mundo interior através da arte".

Esta área inclui várias estratégias e sistemas de criação de imagens e objetos, mostrando-se, assim, ser uma área imprescindível para o crescimento. A educação artística tem, então, a função de estimular os alunos no seu processo de conhecimento e aprendizagem. Ao serem trabalhados aspetos emocionais e espirituais na educação artística, são promovidas aprendizagens noutras áreas e mesmo fora do contexto formal da educação.

De acordo com Silva (2019), a educação artística não deve ser cópia do que já existe, mas sim o desenvolvimento da individualidade de cada aluno. Deve fornecer as ferramentas necessárias para que os alunos explorarem e encontrem o seu potencial.

Dada a sua diversidade, a arte oferece oportunidades únicas para os jovens compreenderem e criarem as suas identidades pessoais, estimulando os estudos interdisciplinares, a capacidade de tomada de decisões e motiva para uma aprendizagem mais ativa, criativa e questionadora. Por isso é muito importante os professores encontrarem várias estratégias de forma a trabalharem o potencial de cada aluno.

Sousa (2003), p.61, refere-se à educação artística como uma área com "objetivos voltados para o desenvolvimento harmonioso da personalidade (…) o que significa uma educação que igualmente atue nas dimensões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade (…) dirigindo-se a todas as dimensões de igual modo, sem preferenciar ou preferir alguma". Ou seja, é uma educação que proporciona um equilíbrio em relação a todas as áreas curriculares, interligando-se com as dimensões pessoais de

cada aluno, criando um ambiente propício para a exploração da sua personalidade e identidade.

O objetivo da educação artística não é só o de ensinar arte ou técnicas de arte ou de explorar vocações artísticas. É o de incluir as áreas da educação artística, como a educação visual, a educação dramática, a dança e a história da arte, no currículo como apenas áreas de transmissão de conhecimentos. E é a criação de uma educação direcionada para a formação individual de cada um, através da formação de valores morais e éticos, e, também, do desenvolvimento da criatividade e identidade.

A educação artística não deve ser o ensino das técnicas artísticas, nem deve ser usada como algo "extra", mas sim como a base da estrutura educativa. Tal como refere Sousa (2003, p.63):

> *Mais importante do que "aprender", "conhecer" e "saber", é o vivenciar, descobrir, criar e sentir. Estes pressupostos levam, necessariamente, a radicais alterações de posicionamento pedagógico por parte de todos os agentes educativos, bem como as profundas alterações metodológicas e programáticas em todas as áreas disciplinares (e não apenas (...) nas artísticas)*

O desenvolvimento cognitivo de um indivíduo acontece quando a estrutura da sua educação é baseada em aspetos culturais predominantes. Assim sendo, compreende-se a ideologia de assumir-se a educação artística como direito universal, de forma que todos pudessem usufruir com as mesmas condições e ferramentas necessárias (Correia, 2014). A educação artística permite, então, o desenvolvimento emocional e intelectual da criança que, por consequência, melhora os seus mecanismos de defesa perante conflitos ou desilusões devido à base emotiva da área.

1.1.1. O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A educação artística é uma área que deve enquadrar vários temas, logo, por consequência, está interligada com outras áreas curriculares, principalmente na Educação Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Apesar de muitas vezes, a Educação Artística ser colocada de parte, ou considerada como uma área não tão importante como as outras, é uma área muito impactante, como já referimos.

O comportamento do professor desta disciplina deve centrar-se em duas questões predominantes: uma em relação à formação do professor e outra ao conceito que esse professor tem de arte e a perspetiva que tem do ser humano (Valente, 1993).

A formação dos professores de Educação Artística evidencia-se na sua relação com os alunos e a perceção que os próprios têm de arte, dependendo do modo como "o professor estabelece essa relação, a autoexpressão do aluno, a sua capacidade criadora, manifestada na sua inventividade e na sua capacidade de refletir o mundo no seu fazer plástico, emergirá ou não" (Valente, 1993).

O professor de Primeiro Ciclo também tem a função de lecionar a área de Educação Artística, para além das outras áreas, adaptando as suas estratégias às características dos alunos, e também dos conteúdos que pretende lecionar.

De acordo com Roldão (2017, p. 133) a ação de ensinar é onde se "corporiza o sucesso curricular" e é nessa ação que "as intervenções transformativas deverão ter uma incidência particular", dependendo da estratégia defendida pelo professor. Não distinguindo "bons" ou "maus" métodos, o que é importante é "desenvolver a ação de ensinar em cada contexto de modo "apropriado" à situação no sentido de maximizar o sucesso de quem aprende".

1.2. A IMPORTÂNCIA DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO

Ao juntar-se a arte com a educação, desperta-se a criatividade nas crianças, que contribui, através das expressões artísticas, para o desenvolvimento da personalidade infantojuvenil.

Para compreendermos a importância das expressões artísticas, é necessária uma compreensão sobre a palavra "expressão" e o que significa. De acordo com Sousa (2003), a expressão é algo que está ligado às emoções e como estas se manifestam.

Como refere Read (1958), uma criança exprime-se desde o seu nascimento, começando com pequenos desejos instintivos de se dar a conhecer ao mundo, ou através de gritos e gestos, que são as primeiras tentativas de comunicar com os outros. Nas primeiras semanas de vida, a criança mostra os seus sentimentos através de expressões

faciais ou através de sons, dado ainda não ter adquirido a capacidade de falar, e, também, através do desenho ou da pintura.

Na educação pré-escolar, é frequente a exploração das expressões, sendo esta área a atividade primordial da rotina das crianças. E, é visível cada vez mais, a integração das outras áreas nas expressões artísticas, utilizando-as para ensinar sobre vários conteúdos. Como as crianças nesta faixa etária não sabem escrever, algumas ainda estão a aprender a agarrar num lápis, e o desenvolvimento da sua linguagem ainda está em estágios iniciais, o uso das várias componentes das expressões artísticas, auxiliam as crianças a expressarem-se e a explorar vários aspetos, devido, também, ao seu caráter lúdico.

Desta forma, por a expressão estar fortemente ligada à manifestação das nossas emoções, é importante salientar que através dos vários tipos de expressões, é possível transpormos as nossas emoções, seja através da expressão plástica, musical ou dramática (Conceição, 2015).

Segundo Santos (2008, p.20), "a primeira educação deve ser artística e as próprias virtudes morais só podem ser dadas à criança pelas implícitas intimações de harmonia e estética". Não se pode desprezar o lugar das artes no desenvolvimento da criança, sendo os professores e os educadores os principais agentes na introdução às expressões artísticas para com as crianças.

Quando se fala nas expressões artísticas no Ensino Básico, tem de se ter em atenção que existem dois grupos. Um grupo que considera as artes como uma componente lúdica e de lazer no ensino, e outro grupo que identifica nas artes como componentes educativas importantes no desenvolvimento das crianças:

> *(...) para quem a educação, ainda muito colada à instrução, serve sobretudo para o desembaraçar na vida prática, apoiando-se em conhecimentos intelectualizados e úteis para a resolução de problemas duma sociedade cada vez mais burocratizada. E as artes mais não serviriam então que de diversão. (...) E seria conceder muito à arte, como ornamento social, porquanto pensam que "artes" para toda a gente, em todas as escolas, em todas as idades seria um desperdício de tempo e energias quando há coisas sérias a estudar… e sobretudo a fazer… Contrariamente, outra classe de pessoas há para quem tal questão se põe quase com exclusividade, como se a vivência estética se identificasse com a experiência humana* (Santos, 2008, p. 29)

Todas as expressões artísticas são um fator importante no desenvolvimento pessoal de cada criança, ajudando-a a estruturar-se e a construir a sua própria imagem, a sua identidade. Tal como refere Andrea (2011), elas desempenham duas funções: a de adquirir conhecimentos e a de expressão e comunicação, na qual trabalham de forma complementar e ao mesmo tempo

Sampaio (2018) explica que a integração das artes no currículo é um processo complexo, devido às diferentes formas de implementação, com bastante potencial, como através de projetos, discussão de uma obra de arte, através da exploração de vários géneros musicais, entre outros. Mas, dada à restrição de tempo, espaço e materiais e a falta de conhecimentos por parte dos professores, essa integração enfrenta vários obstáculos para encontrar o seu lugar no currículo.

Comparando com as áreas do conhecimento científicas e linguísticas, como a matemática e o português, as expressões artísticas são, muitas vezes colocadas de parte, ou consideradas um extra e não um alicerce no currículo. Essa predominância causa um desequilíbrio cultural na educação, começando pelo primeiro ciclo do ensino básico, aumentando ao longo do caminho académico.

Dada a componente expressiva das emoções e dos sentimentos, a arte proporciona uma "possibilidade única de desenvolvimento completo do ser, de formação equilibrada da personalidade, que nenhuma outra área consegue atingir" (Sousa, 2003, p. 113). Para se ter uma educação equilibrada e rica, é necessária a exploração dos dois lados, não apenas um.

Em relação ao mesmo tema, Andrea (2011) afirma que:

> *As artes, assim como as ciências, as matemáticas, e outras aprendizagens são o modo como se vai aprendendo a realidade. (...) É assim, que as artes, através do seu papel de instrumento do conhecimento, da expressão e da comunicação, contribuem para o desenvolvimento da criança com coerência e objetivos concretos. (p. 59)*

Assim, podemos reforçar que as artes são fundamentais para a aprendizagem das crianças. E, dada a sua abrangência, podem ser utilizadas inúmeras estratégias e métodos para manter as crianças motivadas para todo o tipo de temas, especialmente temas de outras áreas do conhecimento. E, ao pegar na componente lúdica muito presente na área artística, as crianças mostram ter mais predisposição para aprender, porque é quando "brincam" que aprendem mais.

Herbert Read (1958, p.136), refere que a "(…) livre expressão engloba uma vasta gama de atividades e processos mentais (…)", "(…) logo o jogo é a forma mais óbvia de expressão livre em crianças". O jogo é considerado, então, uma forma de arte.

O lúdico faz a criança querer aprender e aprender é tudo (Andrea, 2011). Tendo uma boa orientação, o lúdico contribui para o desenvolvimento da capacidade de identificar e lidar com as emoções e aprender a expressá-las, fazendo com que a criança se sinta mais confortável no ambiente à sua volta.

Podemos concluir que as artes desempenham um papel muito importante no desenvolvimento integral da criança e das suas capacidades, para que a criança consiga não só atingir os objetivos traçados para as áreas das Expressões, mas também adquirir motivação para as outras áreas do conhecimento, como a Matemática, o Português e o Estudo do Meio. Tem um papel muito importante, também, no processo de descoberta da identidade de cada criança e no processo da exploração da criatividade

1.3. A INTERDISCIPLINARIDADE

As artes são, normalmente, utilizadas de uma forma menos proeminente, comparando com as áreas do conhecimento, como já referido. (Sampaio, 2018). Apesar da flexibilidade que existe de poder gerir os vários conteúdos no ensino básico, torna-se difícil fazer com que a integração das artes no currículo seja um processo fácil de realizar, uma vez que esta área continua a ser um pouco desvalorizada. Uma das razões para este caso é o facto da falta de integração das artes na formação dos professores, como refere Lopes (2014).

Através de experiências com as expressões artísticas, a criança trabalha os seus sentidos (ela ouve, vê, toca) ao mesmo tempo que sente e utiliza várias linguagens para expressar o que está a sentir. Daí a importância da presença das expressões na formação das crianças a um nível global ou em "todas as suas estruturas, seja a cognitiva, a emocional, a motora ou a social" (Antunes, 2013, p. 10). O desenvolvimento de uma criança é feito "num todo", ou seja, globalmente, dada a ligação intrínseca entre todos os fatores dentro do processo de aprendizagem, que dependem uns dos outros e se desenvolvem mutuamente.

Sousa (2003) refere que a criança no seu crescimento, físico e psicológico, é afetada pelo meio ambiente em que se encontra, para além da influência das suas

características próprias e a sua maturidade, pois o ambiente é o fator mais determinante nas possibilidades de desenvolvimento e do desenvolvimento das capacidades da criança. Para o desenvolvimento dessas capacidades, as crianças precisam das artes para fornecer harmonia e estética ao ambiente educativo. Porque o educar é criar condições através da arte para o desenvolvimento da criança, em que o papel do professor, como referido anteriormente, é o de criar a situação e proporcionar oportunidades de aprendizagem, e meios para que a criança consiga aprender de forma autónoma e cooperativa com o grupo, estimulando e incentivando a explorar tudo o que é disponibilizado, provando a importância da diversidade de materiais e processos.

Devido a este caráter globalizante da área da Educação Artística, o professor deve promover ambientes impulsionadores do desenvolvimento global, e oferecer espaço para cada criança explorar a sua linguagem de expressão e experimentar várias formas de se expressar. Ao falarmos de uma educação transversal, multidisciplinar e globalizante mencionamos a interdisciplinaridade, sendo uma das estratégias muito defendidas por professores:

> *A interdisciplinaridade tem sido entendida como uma estratégia que procura articular diferentes disciplinas, com saberes e práticas diferenciadas, para tratar uma problemática comum. Como tal, obriga a uma ligação e colaboração entre diversas áreas do conhecimento, envolvendo diferentes estratégias, quer no âmbito da produção de conhecimento, quer na abordagem dos problemas* (Sampaio, 2018, p. 44)

Esta estratégia surge com o objetivo de educar sem "caixinhas", mas sim de uma forma global. No ensino pré-escolar é uma prática bastante utilizada, dada a necessidade de simplificar os temas que são abordados, tentando integrar os conhecimentos que a criança já tem para abordar outros, mesmo sendo de áreas completamente diferentes. No primeiro ciclo, também depende do método utilizado, mas geralmente já se nota a divisão de áreas, estratificando cada vez mais no decorrer da escolaridade, dada a introdução de especializações.

O conceito de interdisciplinaridade não é de um agente para a criação de uma única disciplina do saber, mas sim uma estratégia de aprendizagem transversal, dado o cruzamento de conteúdos. A interdisciplinaridade oferece à criança a possibilidade de relacionar aprendizagens, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio.

Segundo Siqueira e Pereira (1995), a prática da interdisciplinaridade não apaga os objetivos de cada ciência. Em vez disso, pega nesses objetivos e relaciona-os de forma a criar uma conexão possível entre as unidades curriculares. Através desta abordagem, não só as crianças aprendem sobre os vários conteúdos, como aprendem a relacioná-los tornando-os menos abstratos.

As expressões artísticas, por serem uma área já por si só muito abrangente, são uma das ferramentas para criar essa ligação entre conteúdos científicos. Sendo uma área na qual se pode trabalhar de várias formas diferentes, como pela pintura, pela música, pelo desenho ou pelo teatro, a ligação com outras áreas científicas torna-se mais fácil, permitindo um currículo mais interligado e transversal.

Veiga-Neto (1998, p.145), refere algumas contribuições para o ensino interdisciplinar, mostrando as várias potencialidades da abordagem:

a. *Um maior diálogo entre professores, alunos, pesquisadores, etc., de diferentes áreas do conhecimento;*
b. *Um maior preparo profissional e uma formação mais integrada do cidadão;*
c. *Uma ciência mais responsável, já que seria possível trazer a problematização ética para dentro do conhecimento científico;*
d. *A reversão da tendência crescente de especialização, de modo que se desenvolveria uma visão holística da realidade;*
e. *A criação de novos conhecimentos, graças a fecundação mútua de áreas que até então se mantinham estanques;*
f. *Reverter um suposto desequilíbrio ontológico de que padece a Modernidade, isto é, reverter o descompasso entre uma pretensa natureza última das coisas e ações humanas que tem alterado tal natureza.*

Apesar dos fatores positivos referidos atrás, este tipo de abordagem apresenta, também, aspetos desafiadores, como "a dificuldade de gestão de conteúdos considerados específicos de várias áreas disciplinares, que pode culminar na secundarização de conceitos específicos e obrigatórios" ou a falta de formação por parte dos professores em relação a esta estratégia (Lopes, 2014, p. 34).

O objetivo das expressões artísticas não é o de formar artistas, mas sim de interligar as artes com as outras disciplinas, para que o aluno desenvolva várias competências, sendo a criatividade uma das principais. Desta forma, o professor deve

conseguir interligar as várias áreas curriculares, não só com as expressões, mas também entre elas (Funenga, 2016).

O programa do primeiro ciclo está dividido em grupos, o que demonstra a estratificação mencionada anteriormente. Mas, oferece, também, flexibilidade aos professores na escolha da abordagem a ter, de acordo com as características da turma em questão, e das suas capacidades e dificuldades. De certa forma, oferece liberdade de escolha na forma como poderá abordar os conteúdos, porém, geralmente, a interdisciplinaridade é uma abordagem pouco utilizada.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Na prática, um professor ao exercer a sua profissão é, no fundo, um investigador. Deve investigar na, sobre e para a ação educativa, de forma a adaptar-se ao contexto em que se insere. Ser professor-investigador é "ser capaz de se organizar, perante uma situação problemática, para se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução" (Alarcão, 2001, p. 22). É uma postura muito usada academicamente, que é importante ser continuadamente usada ao longo do caminho profissional do professor.

O ensino e a prática de ensinar não é algo estipulado e pré-definido que os profissionais seguem todos da mesma forma, é com a mesma rotina. A sociedade está em constante evolução e o papel da educação, sendo a base de uma comunidade, é de se ir adaptando à sociedade e não o contrário. O papel da educação é de avaliar e refletir de forma contínua a sua prática e as relações criadas entre os alunos e o contexto do trabalho.

No decorrer desta investigação foi imprescindível responder à questão "Qual a importância das Expressões Artísticas no Primeiro Ciclo?". Assim, após serem definidos os objetivos e as questões de investigação, são explicados o paradigma e o método utilizados para a investigação, como também os instrumentos e os procedimentos de recolha de dados realizados.

2.1. PROBLEMA, OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A investigação a realizar tem como ênfase a compreensão de vários momentos enquanto estes mesmos decorrerem, focando-se no decorrer de cada atividade dinamizada, ou seja, "trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo" (Coutinho, 2016), constituindo-se, desta forma, numa investigação de fundo qualitativo.

Esta investigação tem como finalidade compreender a importância das expressões artísticas no primeiro ciclo, a partir de uma abordagem interdisciplinar. Assim sendo, é pretendido compreender o valor, as ideias e as perceções dos docentes e dos alunos participantes no estágio em relação a esta área e a forma como esta é trabalhada, e refletir sobre o desenvolvimento geral das crianças, dando abertura para a exploração de uma

área tão englobante para se puder observar o impacto que tem na aquisição das competências artísticas e não só.

Tendo em conta as observações realizadas durante o estágio, podemos reforçar a importância que todas as áreas curriculares têm no processo de aprendizagem das crianças. Assim, foi decidido abordar a área das expressões artísticas, não só pelo gosto pessoal pela área, mas também, por esta ser muito complexa e abrangente.

Dado o seu caráter lúdico, as expressões artísticas são uma área utilizada, muitas vezes, como descontração. Assim, é importante mostrar que, para além desse componente, não é uma área que deve ser ignorada e que pode ser usada de forma educacional, cooperando com as outras áreas do saber, através de uma abordagem interdisciplinar, por exemplo.

Esta problemática foi pensada para o contexto de estágio em Primeiro Ciclo do Ensino Básico, para o 4º ano de escolaridade. Assim, as questões formuladas, de forma a completar o objetivo principal da investigação, são as seguintes:

- Como são exploradas as várias subáreas da área das Expressões Artísticas em contexto de sala de aula?
- Qual a predisposição das crianças para as atividades de Expressão Artística?
- De que forma as artes facilitam as aprendizagens das crianças?

2.2. PARADIGMA

Com o tema definido e com a formulação das questões para a investigação feita, é necessário identificar as metodologias de investigação utilizadas, começando pelo paradigma. Os paradigmas são, geralmente, definidos como qualitativos ou quantitativos.

A investigação qualitativa defende os pontos que se pretende trabalhar em relação ao tema estipulado, uma vez que a fonte direta de dados é o ambiente natural, onde os investigadores frequentam os locais de estudo, devido à preocupação com o contexto. Dado que o contexto do estágio é fulcral para a obtenção dos resultados da investigação, esta teria caráter qualitativo (Bogdan & Biklen, 1994).

Este tipo de investigação é descritivo, pois os investigadores abordam tudo de forma minuciosa, analisando todos os detalhes. Tal como referem Bogdan e Binklen (1994), p.49, os investigadores qualitativos têm de ter uma mentalidade aberta, com a

"ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo". Nas Artes é bastante importante repararmos nos detalhes, pois eles fazem toda a diferença no estudo e na avaliação do processo de aprendizagem.

Outra característica da investigação qualitativa é o interesse pelo processo e não apenas pelos resultados ou produtos. (Bogdan & Biklen, 1994). Numa área como a Educação Artística, o fulcral na aprendizagem é o procedimento e o percurso realizado pelos alunos. Dado que um dos objetos de estudo é o incentivo da criatividade, não podemos comparar resultados, porque a arte é expressa de inúmeras formas. Assim, o tipo de investigação teria de ser aquele que estivesse focado no "antes" e no "durante" e não no "final" do processo, mais focado no conteúdo da dinâmica do que no procedimento e resultado final.

Coutinho (2016) refere que a investigação qualitativa utiliza a diversidade como chave para as suas respostas, que "não se aceita a uniformização dos comportamentos, mas a riqueza da diversidade individual".

Assim, os investigadores qualitativos estabelecem estratégias de forma a compreender as experiências do ponto de vista do informador. Este processo reflete um diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos da investigação, ao mesmo tempo que se analisa os vários passos.

2.3. MÉTODO

O método de investigação a utilizar é o de investigação-ação, dado a sua definição de "recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais" (Bogdan & Biklen, 1994, p. 292).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.300), a investigação-ação

> *Baseia-se nas próprias palavras das pessoas, quer para compreender um problema social, quer para convencer outras pessoas a contribuírem para a sua remediação. E, em vez de aceita as ideias oficiais dominantes e habitualmente aceites, tais como "a escola educa" ou "os hospitais curam", questiona estas afirmações e transforma-as em objetos de estudo.*

As expressões artísticas e a forma como são trabalhadas e dinamizadas em contexto de primeiro ciclo são alvo de discussão porque é possível observar algum

descrédito relativamente à área, fazendo com que exista uma desvalorização relativamente às disciplinas das áreas artísticas dos anos seguintes. Colocada esta "problemática", a investigação-ação fornece o empenhamento e encoraja a prossecução de objetivos particulares, neste caso na educação artística em contexto de primeiro ciclo.

Coutinho, et.al, (2009) define investigação-ação como "uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo", utilizando em conjunto a ação e a reflexão crítica da mesma, num processo cíclico. Neste tipo de investigação, os participantes analisam as suas práticas educativas de uma forma sistemática, o que também constitui um objetivo da prática em contexto de estágio.

A investigação-ação tem dois objetivos principais: o de compreender, melhorar e reformular práticas e o de intervenção em pequena escala no funcionamento de entidades reais e análise detalhada dos efeitos dessa intervenção (Coutinho, et al., 2009). Deste modo, a partir principalmente do segundo ponto, podemos interligar com o objetivo desta investigação que é compreender a importância das expressões artísticas no primeiro ciclo, a partir de uma abordagem interdisciplinar.

É através da prática e da reflexão sobre a prática que o professor consegue verdadeiramente compreender o seu contexto, pensando criticamente de forma a adaptar as suas estratégias de acordo com os resultados da sua reflexão. Através desta investigação pretende-se compreender o impacto da estratégia interdisciplinar, no ensino das expressões artísticas, e a forma como influencia o ensino das outras áreas curriculares.

2.4. PARTICIPANTES/AMOSTRA

A investigação foi realizada durante o período de estágio em contexto de 4º ano, numa turma heterogénea, com 23 alunos. Todos os alunos foram incluídos neste estudo, retirando dados dos trabalhos realizados pelos mesmos, através dos instrumentos referidos abaixo. Apenas dois alunos não ingressaram no estudo, devido ao pedido da professora titular da turma.

O grupo em questão era coeso, mostraram ter uma boa relação de confiança com a professora, e, posteriormente, agiram da mesma forma com as estagiárias. Quase todos os alunos faziam parte do mesmo grupo desde o pré-escolar, e continuaram juntos no primeiro ciclo do ensino básico.

No início do estágio, os alunos mostravam-se estar a acompanhar bem o ritmo dos conteúdos lecionados, à exceção da área de matemática, que se encontravam em revisões devido a algumas dificuldades demonstradas.

De acordo com a professora titular, devido à situação pandémica, houve a necessidade de fazer vários enquadramentos em relação a conteúdos do 3º ano de escolaridade, para conseguirem interligar com os conteúdos do 4º. Mas a turma, sendo participativa e motivada, compreendia bem os temas, e mostravam vontade de querer fazer sempre mais.

A turma mostrava ter as regras de sala de aula bem estipuladas, e seguiam-nas de forma respeitável, sem interromper o outro, e esperando ser a sua vez de falar. À exceção das aulas de grupo, onde havia momentos de maior conversação, o que é espectável, por não ser uma técnica muito utilizada na sua rotina.

2.5. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Os instrumentos de recolha de dados são essenciais numa investigação qualitativa, de forma a perceber, interpretar e concluir sobre o objeto de estudo.

Uma das características da investigação-ação é a recolha de dados através de várias formas e a partir de variadas fontes de informação. Assim, o investigador deve ter em conta como vai recolher os dados e a estrutura e os meios que pretende utilizar para a recolha para, posteriormente, realizar o tratamento dos dados recolhidos (Meirinhos & Osório, 2010).

Assim, para esta investigação, serão utilizadas várias estratégias, como a pesquisa arquivística, utilizando documentos oficiais sobre a temática, a análise de notas de campo, retiradas durante os vários momentos vividos no estágio, registos fotográficos e audiovisuais, recolhidos em vários momentos da prática, a observação participante e, por fim, a realização de entrevistas, tanto aos alunos, como às professoras da turma.

2.5.1. PESQUISA ARQUIVÍSTICA

A pesquisa arquivística, assim denominada por Afonso (2005), é uma técnica que consiste "na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões da investigação"

(p.88). O recurso a estas fontes documentais é uma estratégia recorrente na investigação-ação.

De acordo com Pardal e Lopes (2011), a técnica base na recolha de informação em qualquer investigação é a pesquisa documental e que requer paciência e disciplina na busca de recursos de documentos que sustentem ou refutem os dados recolhidos na prática. A utilização de fontes de informação fidedigna é o suporte da investigação, tanto a nível teórico, como também a nível prático.

Para ser possível sustentar os dados recolhidos durante a prática em contexto de estágio, é necessário ter uma base sustentada na teoria para auxiliar na compreensão de vários aspetos, tais como a estrutura do ensino em relação às Expressões Artísticas e o tipo de formação dos professores em relação à área. Através da pesquisa de documentos sobre a arte e sobre a inserção da arte na educação e qual o seu impacto no desenvolvimento das crianças, a reflexão sobre o objeto de estudo seria mais fundamentando e coeso. A análise documental, como referido, é a estratégia mais utilizada e, de acordo com alguns autores, quase obrigatória no projeto de investigação, logo um projeto relacionado com as Expressões Artísticas não poderia ser exceção.

2.5.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA

Outro procedimento seria a recolha de dados através da observação. Esta técnica de recolha de dados é útil e fidedigna, na medida de que "a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos". Essa informação toma forma em registos escritos pelo investigador ou através de materiais audiovisuais (Afonso, 2005).

Segundo Parente (2002, p. 169), a observação possibilita-nos "obter informações sobre os interesses necessidades das crianças; (…) obter dados exatos, precisos e significativos, capazes de informar o professor ou educador sobre as necessárias modificações a implementar". Dado o método utilizado, esta observação é de caráter participativo, pois o investigador interage e participa na ação que a investigação decorre.

2.5.3. NOTAS DE CAMPO

Como referido, a presença no contexto é crucial numa investigação-ação, permitindo tirar apontamentos para uma investigação correta e coesa em relação à análise a realizar, pois são uma forma de autenticar as observações.

As notas de campo devem incluir a descrição das pessoas, objetos e espaços pertencentes ao contexto em investigação, bem como os acontecimentos, atividades e as conversas. É importante o "relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo" (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150)

No registo de dados, apesar das notas de campo serem de grande importância, recorreu-se a outros métodos, como a fotografia dos vários processos e dos produtos de cada criança e a gravação de vídeos em momentos de discussão em grande grupo.

Dado que existe a oportunidade de estar presente em contexto de estágio, a observação seria a estratégia mais importante na realização da investigação, sendo esta de caráter participativo. Para compreendermos a importância das Expressões Artísticas no 1º ciclo é importante observarmos a forma como são trabalhadas e dinamizadas em contexto de sala de aula. Para a recolha de dados, é necessário recorrer a instrumentos audiovisuais de forma a captar a forma como são trabalhadas as atividades artísticas dinamizadas pelo investigador, através de fotografias e de vídeos para mostrar os resultados finais. É necessário também a recolha de dados através de registos diários escritos sobre as ocorrências em relação à área.

2.5.4. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O quarto e último instrumento a ser utilizado para a recolha de dados seria a entrevista semiestruturada, com o objetivo de ter respostas diretas de alunos integrantes da turma em questão.

A entrevista é uma técnica utilizada com frequência na pesquisa qualitativa, sendo reconhecida como uma técnica de qualidade para a recolha de dados. Ao se utilizar a entrevista para obtenção de informação, compreendemos a "subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos" (…) "pois trata-se do modo como aquele sujeito observa" (Batista, Matos, & Nascimento, 2017, p. 5)

As entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas. Em relação ao objeto de estudo da investigação, a entrevista semiestruturada seria a mais adequada em relação ao contexto. De acordo com Flick (2004), citado por Meirinhos e Osório (2010), o interesse pelas entrevistas semiestruturadas está na expectativa de que o entrevistado expresse a sua opinião e os seus pontos de vista numa entrevista que tenha

uma estrutura mais aberta do que numa entrevista demasiado estruturada, parecendo-se com um questionário.

Para se compreender melhor a importância dada às Expressões Artísticas na instituição, a entrevista seria um instrumento eficaz, no que toca a identificar pontos de vista diretos dos profissionais docentes da instituição. A forma como é abordada e explorada, não só a nível fechado de cada turma, mas também entre turmas em conjunto.

2.6. PROCEDIMENTOS

Em primeiro lugar, para este estudo procedemos à pesquisa da literatura existente sobre a temática em análise, de forma a fundamentar a questão e o estudo. De seguida, escolhemos a metodologia a utilizar para a concretização da investigação.

A escolha do tema partiu do gosto pessoal pela temática, e a questão-problema surgiu depois de uma pequena pesquisa sobre os vários métodos de ensino das Expressões Artísticas.

2.6.1. RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados foi feita ao longo do período de estágio com a turma de 4º ano, entre os dias 12 de abril a 11 de junho durante a dinamização das atividades que serão posteriormente explicadas neste relatório. Essa recolha foi feita através de fotografias, gravação de vídeo e recolha de notas de campo, com permissão da professora titular de turma.

Também foram recolhidos dados através de uma entrevista a um grupo de alunos da turma, no final do período de estágio, através de gravação de áudio, sobre o percurso realizado pelos alunos ao longo das atividades desenvolvidas, apresentadas deste relatório.

2.6.2. TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

O processo de tratamento e análise de dados foi feito através da análise das fotografias e dos vídeos gravados durante as discussões em cada atividade realizada, e das notas retiradas ao longo das quatro atividades dinamizadas. De seguida foi realizada uma análise em relação à correlação da atividade para com o tema da interdisciplinaridade, e a forma como a abordagem foi recebida pela turma.

No final, foi feita uma conclusão sobre as quatro atividades, e a evolução da participação dos alunos, comparando os resultados de cada atividade realizada, analisando de que forma a abordagem da interdisciplinaridade impactou a exploração dos temas.

2.7. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Todas as intervenções feitas durante o período de estágio foram realizadas depois de conversas com a professora cooperante, que aconselhava sobre o tema e o seguimento do currículo escolhido pela mesma. Todas as atividades foram realizadas tendo em conta o tema da interdisciplinaridade, variando na complexidade, na área curricular envolvida e no tema.

Apesar de algumas ideias para as planificações já estarem pré-definidas, foram adaptadas à turma e às características dos alunos, e relacionadas com os temas que estavam a ser trabalhados ou que iriam ser trabalhados futuramente.

Assim, estava pensado dinamizar cinco atividades de acordo com o tema, para a exploração da questão-problema, pois tinha sido planeado explorar todas as subáreas das expressões artísticas (artes visuais, expressão dramática, expressão musical e dança).

A primeira atividade, "Somos Livres", foi pensada após a exploração do tema da Revolução dos Cravos anteriormente no período de estágio. Quando explorando o tema, através da obra "A Flor de Abril", de Pedro Olavo Simões, Quidnovi (2011), e conversando sobre as músicas de intervenção, a turma referiu a canção "Somos Livres", mostrando conhecê-la.

Dado o facto de a turma, na aula de português, estar a trabalhar o texto poético, surgiu a ideia de trabalhar os dois pontos (a canção e o poema), interligando, assim, o português e as expressões artísticas, sendo estas a musical e a visual.

A segunda planificação, "Um azulejo para ti, mãe", foi pensada devido à data do Dia da Mãe, e com o intuito de se afastar do tema estereotipado das prendas para a mãe, sendo algo mais original. Como na aula de matemática, mesmo antes de começar o estágio, a turma tinha trabalhado o tema Simetrias e Padrões, pensou-se em interligar esse trabalho com as artes visuais, onde cada aluno construiu o próprio azulejo.

Contudo, não houve a possibilidade de produzir os azulejos, nem de o pintar, devido à falta de material. Perante esta dificuldade, procedeu-se à reprodução de um azulejo através de outros materiais. Começou-se pelo desenho, seguindo o formato original de um azulejo português, depois de se ter explorado em sala de aula esta forma de arte, presente na cultura portuguesa.

A terceira atividade, "Deixa a tua marca", foi desenvolvida a partir da obra "O ponto" de Peter Reynolds, Bruaá Editora (2003). Esta obra foi escolhida devido ao seu tema, e por explorar o tema da arte visual, e a confiança própria para explorar a criatividade de cada um.

Durante as aulas de Artes Visuais, em vários momentos, os alunos mostravam falta de confiança nos seus desenhos e em explorar a sua criatividade. Logo, esta obra seria um ponto fulcral para explorar uma história, e analisá-la em conjunto, sobre aquilo que os próprios alunos demonstram sentir, em relação, principalmente, às artes visuais.

Devido, também, ao gosto pessoal por obras literárias, uma das ideias principais era a exploração de uma obra que abordasse este tipo de temas, e a obra "O ponto" tem uma narrativa simples e direta, que abre a discussão sobre a criatividade e sobre a individualidade de cada um. Por isso, foi pensado para interligar a educação literária com as expressões artísticas.

A quarta planificação, "Pelos caminhos de Portugal…", foi baseada no tema dos distritos de Portugal, explorando um pouco para além de apenas a divisão distrital de Portugal Continental. Esta atividade foi planeada ter a duração de 2 semanas, ou seja, 6 horas, sendo a mais longa de todas as planificações realizadas.

Esta atividade foi a mais complexa, estando dividida em 3 partes: a pesquisa, onde cada par explorou informações sobre o distrito, um dos monumentos, principalmente, sobre a sua história; a escrita de texto, partindo da informação retirada durante a primeira parte, cada par teria de escrever um texto descritivo; e a construção do monumento, em que cada par tinha de construir o monumento escolhido, através de formas geométricas.

Esta planificação, integrava as áreas de português, de matemática, de estudo do meio e de Artes Visuais, o que justifica a complexidade da mesma. Desta forma, as duas semanas pensadas para a realização da atividade, transformaram-se em três, o que impossibilitou a realização da quinta tarefa pensada durante o período de estágio.

CAPÍTULO 3 – PRÁTICA SUPERVISIONADA

Neste capítulo serão apresentados os resultados das intervenções realizadas de acordo com as questões colocadas no início deste relatório, tendo em conta a contextualização teórica da investigação em questão.

Em primeiro lugar será feita uma breve caracterização do grupo, e as informações que foram recolhidas ao longo das semanas de estágio, numa turma de 4º ano. De seguida, serão apresentados as atividades dinamizadas e os resultados de cada uma, e a análise em comparação com a temática.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO

A turma era composta por 23 alunos, dos quais 5 alunos estavam referenciados, onde a professora titular não especificou quais as referências. A turma era participativa e motivada para trabalhar, e mostravam ter uma boa relação com o pessoal docente.

A primeira semana de estágio, ou seja, a semana de observação, foi mais destinada a identificação e compreensão das rotinas da turma, e em perceber como eram trabalhadas as várias disciplinas durante a semana. A professora cooperante disponibilizou todo o material da instituição para uso durante o período de estágio, da forma mais relevante para o projeto.

Mesmo durante a semana de observação, os alunos começaram muito cedo a recorrer às estagiárias, com pedidos de ajuda ou de opiniões sobre os seus trabalhos, estipulados pela professora titular.

Com o apresentar das atividades planeadas pelas estagiárias, a turma mostrou-se disposta a participar, da mesma forma que com a professora cooperante. Queria participar nas discussões de resultados ou no debate de respostas diferentes a alguma questão colocada. No seu geral, uma turma muito participativa, e opinativa, que gostava de experimentar momentos novos.

3.2. RESULTADOS DAS INTERVENÇÕES

De forma a responder às questões colocadas inicialmente, foram planeadas várias atividades de forma a compreender o impacto da estratégia da interdisciplinaridade. Como referido no ponto **2.7. Proposta de Intervenção**, o objetivo era o de investigar a

importância das expressões artísticas no 1º ciclo do Ensino Básico, a partir de uma abordagem interdisciplinar, proposta essa pensada de acordo com a observação atenta à participação do grupo, no contexto do 4º ano de escolaridade.

No total foram dinamizadas 4 atividades, interligando a área de Educação Artística com outras áreas do conhecimento

Serão apresentadas, de seguida, as quatro atividades dinamizadas durante o período de estágio, cada uma com três partes: uma breve apresentação da planificação; os resultados da atividade; e a análise desses resultados, refletindo sobre a pertinência em relação à abordagem interdisciplinar.

Atividade 1 – Somos Livres (Português, Expressão Musical, Expressão Plástica)

A primeira atividade (anexo I) realizada foi durante a terceira semana de intervenção, após ter sido explorado a Revolução dos Cravos – 25 de abril. Na semana anterior, foi explorada a obra "Flor de Abril", onde se discutiu vários factos sobre o momento histórico, e as dificuldades que se ultrapassou. Com isso, foram explorados elementos representativos da Revolução, como as músicas de intervenção e a flor do cravo. Nessa aula foi construída um "cravo" vermelho com lã, após a exploração da obra. Quando questionados sobre quais eram as canções representativas do movimento, a turma mencionou a canção "Somos Livres" de Ermelinda Duarte (1974). Apesar de não ser essa uma das canções, depois de se mostrar as duas canções emblemáticas, colocou-se a tocar a canção interpretada por Ermelinda Duarte, e uma grande parte da turma mostrou conhecer e começou a cantar.

Desta forma, surgiu a ideia de explorar o poema escrito sobre a altura do 25 de abril de 1974. Esta atividade foi realizada na aula de Português, na segunda-feira, dia 26 de abril de 2021.

Ao ser entregue a ficha de leitura (anexo II), alguns alunos repararam que o poema era a letra da música "Somos Livres". Foi referido que as letras de canções são, na sua grande maioria, poemas, e que há artistas que utilizam poemas já escritos por poetas e os transformam em canções.

Explorou-se o poema em três partes: antes da leitura, durante a leitura e após a leitura.

As questões colocadas foram com objetivos diferentes e de tipos variados, desde perguntas de resposta direta até perguntas de resposta aberta de forma a explorar a opinião de cada um.

A turma era bastante participativa, e todos queriam ter uma oportunidade de dar a sua resposta e explicar o seu ponto de vista. E, sendo um tema já trabalhado anteriormente, os alunos já tinham um conhecimento prévio, ajudando na discussão de respostas e opiniões.

Depois de se explorar o poema, e discutir as opiniões e respostas dos alunos, na última parte da tarefa – "Relacionando com as Expressões". Nesta parte, como explicado acima, cada aluno escolhia uma das estrofes do poema, e desenhava o que aquela secção transmitia.

Os alunos mostraram-se confusos com a questão, não compreendendo bem o que era pedido, algo que acabou por ser discutido, novamente, em grupo. Porém, dada a falta de tempo, não foi possível fazer o desenho durante a aula, pois a turma iria ter um teste na hora seguinte. Então a professora titular aconselhou eles fazerem o desenho em casa. Outra alteração foi, em vez de cada um escolher a estrofe que queria representar do poema, acabou por se definir que cada fila faria sobre uma estrofe, dado serem 4 estrofes e 4 filas. Assim haveria representação de todas as estrofes do poema.

Algumas representações foram a um nível mais literal, algo normal devido à interpretação do poema, enquanto outras foram por uma interpretação um pouco diferente.

Na segunda estrofe, em que o sujeito é a "papoila", os alunos desenharam papoilas, como se pode observar na Figura 1,, mas cada um com a sua interpretação, desde

Figura 1 - Desenhos realizados sobre a segunda estrofe

um aluno que se desenhou a ele próprio a segurar na flor, até outro que desenhou a papoila em dois sítios diferentes, pois "as papoilas são flores que nascem em vários sítios, às vezes perigosos, o que mostra a vontade de crescer para além das dificuldades" (A, 9).

Na terceira estrofe, o sujeito era "a criança", que referia que quando fosse grande não queria combater. Apesar de, de todas as estrofes, a turma mostrou compreender mais rapidamente o seu significado durante a leitura, no momento da representação, mostrou alguma indecisão na escolha do seu desenho. Contudo, as representações foram de acordo com o previsto, mostrando o desagrado com a guerra, e a alegria de ser criança no local seguro (Figura 2).

Figura 2 - Desenhos realizados sobre a terceira estrofe

A quarta e última estrofe foi a que a turma mostrou mais dificuldades na compreensão do seu significado. Enquanto nas outras estrofes é possível identificar o sujeito facilmente, e qual o seu "objetivo", a última é um pouco menos objetiva, principalmente na expressão "Somos um povo que serra fileiras", quando não sabiam o que significava, e a quem se dirigia. Na exploração do poema, foi feita a explicação que despoletou, então, as duas últimas questões da análise do poema: **Porque é que o povo não quer voltar atrás?** e **Como estaria o povo hoje, se não tivesse ocorrido a Revolução dos Cravos? Explica a tua opinião**.

Ao explorarmos as duas questões, a turma compreendeu as diferenças do antes e do depois da ditadura militar portuguesa, e representaram o que significava para cada um dos alunos desse grupo. Em que "o povo derrubou a barreira para encontrar a paz e o pão, porque eles passavam fome e eram maltratados" (A,10) (Figura 3).

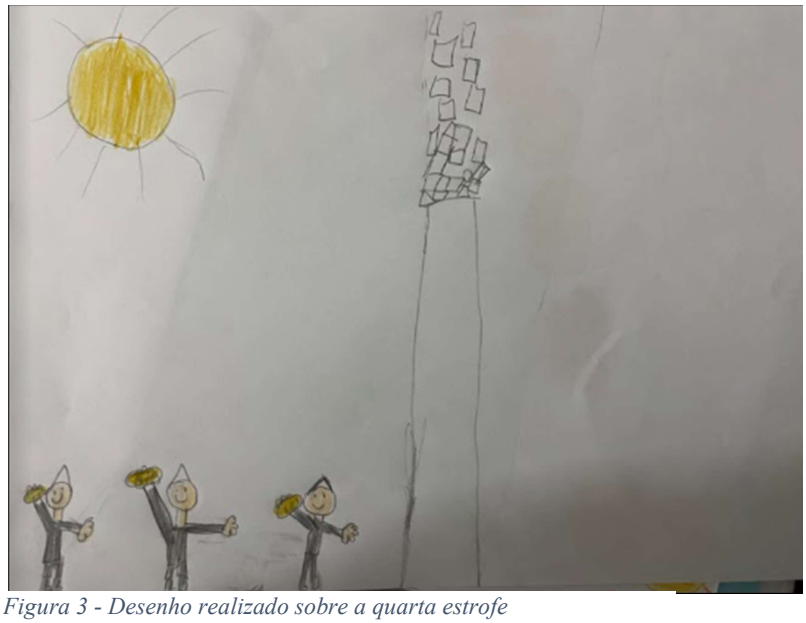


Figura 3 - Desenho realizado sobre a quarta estrofe

No desenvolver desta atividade, as dificuldades foram algumas na análise do poema, mas o facto de estar relacionado com uma canção ajudou na compreensão do seu significado. A parte relacionada com as Expressões foi vista, inicialmente, de uma forma estranha, pois não compreendiam bem o que era pedido, mas o facto de não ter diretrizes e de dar alguma liberdade no desenvolvimento de cada trabalho, motivou-os para serem criativos. No entanto, é visível que, na sua maioria, os desenhos são um pouco parecidos.

A interdisciplinaridade está incluída, ao relacionar a Música com o Português e, posteriormente, as Artes Visuais. Numa primeira vista, a turma estranhou a abordagem, como referido, e, principalmente, o facto de a questão ter um caráter aberto, mesmo com algumas indicações, o que proporcionou um atraso na resolução da atividade final. Um ponto positivo foi a análise de um poema que era a letra de uma canção, o que constituiu um ponto favorável para a compreensão e análise do texto poético.

Atividade 2 – Um azulejo para ti, mãe (Matemática, Expressão Plástica)

A segunda atividade (anexo III) dinamizada, foi "Um azulejo para ti, mãe", realizada na mesma semana que a atividade anterior, no dia 28 de abril de 2021.

A ideia para esta atividade surgiu com o gosto que a turma demonstrou pelo tema das simetrias, quando abordado na aula de matemática anteriormente. Dado que estava a chegar o dia de mãe foi planeado a "construção" do seu próprio azulejo.

Dada a tradição tão impactante do azulejo português, relacionou-se as duas vertentes na abordagem desta atividade.

Em princípio tinha-se pensado realizar a pintura de um azulejo, mas dada a escassez de material, teve de seguir pela segunda opção, o desenho do padrão sobre outro suporte.

Em primeiro lugar, explorou-se um pouco a história dos azulejos, através de uma ficha de informação sobre o tema (anexo IV), de forma a que a turma compreendesse um pouco mais sobre esse elemento característico da arquitetura portuguesa, e também da correlação com as áreas de matemática e Artes Visuais.

Foram mostrados exemplos de vários azulejos – uns mais tradicionais com as cores azul e branco, e outros mais coloridos, um pouco mais modernos.

Ao repararem nesses exemplos, conseguiram identificar que havia uma repetição de padrões, e quase todos referiram que havia simetria. Foi abordada a definição de simetria e de eixos de simetria, e foi pedido que identificassem quantos eixos de simetria tinha cada um dos exemplos dispostos.

Esta parte da atividade foi feita de forma rápida e autónoma, mostrando que, no geral, a turma compreendia o que significava e como identificar cada um e as suas repetições ao longo do mosaico.

De seguida foi mostrado um exemplo de um azulejo, criado pela estagiária, de forma a identificar, em grande grupo, os eixos de simetria, e os padrões de repetição que encontravam no exemplo desenhado no quadro (Figura 4).

Figura 4 - Exemplo criado pela estagiária

O trabalho da construção do azulejo foi feito em duas partes: primeiro o esboço e depois o produto final.

Na parte do esboço, os alunos mostraram alguma confusão na compreensão do objetivo da "pré-criação" que estavam a fazer, e o porquê. Assim, foi explicado a importância do esboço, fazendo uma ligação à criação de um texto narrativo, em que primeiro deve-se planear o texto, com os vários elementos, e depois é que se escreve, sendo da mesma forma para o desenho. E, também, para poderem explorar a várias ideias, e os vários elementos que queriam colocar no produto final (Figura 5).

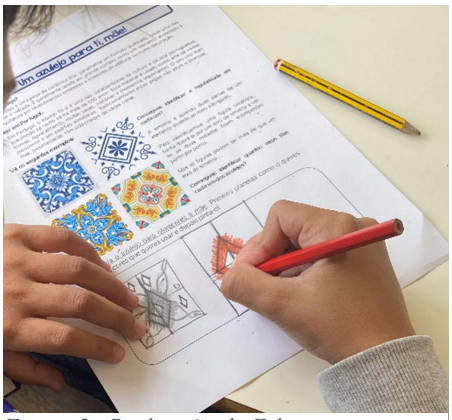


Figura 5 - Realização do Esboço

Quando acabaram o esboço, passou-se para a parte da criação do produto final. Para tal, era necessário dividir o papel, para criar a estrutura correta para a criação do mosaico.

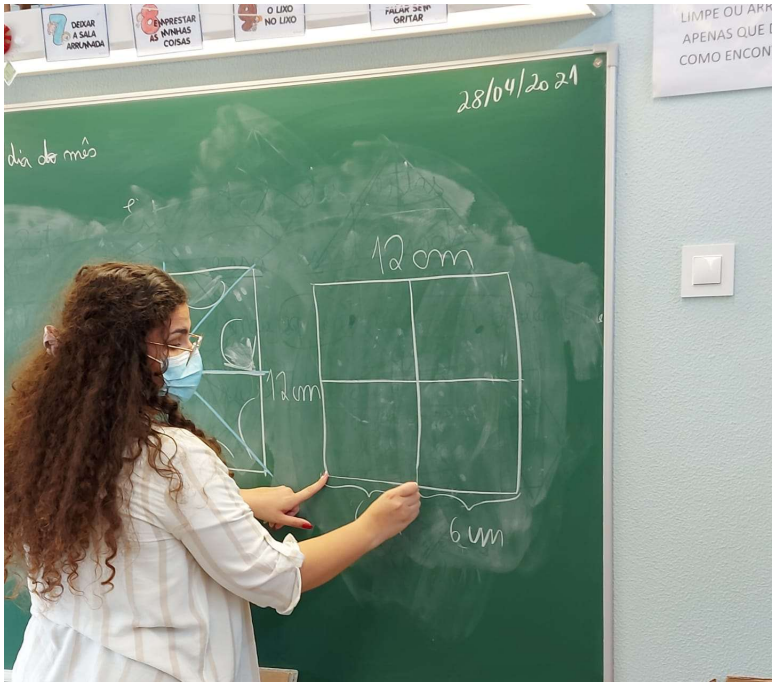


Figura 6 - Explicação da divisão do quadrado em quatro

Como, nessa altura, a turma estava a trabalhar o conceito de área, relacionou-se com esse tema para que fosse mais fácil a compreensão da divisão do "azulejo". Assim, os alunos dividiram o quadrado em quatro (Figura 5), e começaram a produzir os seus trabalhos.

Vários padrões foram criados (Figura 7), uns mais coloridos que outros, e mais complexos que outros. Mas o que saltou à vista foi a diversidade de trabalhos que surgiram, devido à criatividade de cada um.

Figura 7 - Padrões criados

A atividade foi bem-sucedida, de acordo com a planificação, sendo os dois maiores receios o tempo e a dificuldade em compreender os padrões de um azulejo.

Geralmente, os temas da simetria e de padrões costumam ser bem-recebidos pelos alunos, devido, também, à sua componente artística, algo que se notou na execução desta atividade, mesmo com alguns alunos que não mostram tanta vontade para trabalhos do caráter artístico. O facto de terem liberdade de escolha na produção foi um fator positivo, devido às inúmeras formas diferentes na construção de um "azulejo".

Em relação à atividade em si, os alunos já mostraram mais compreensão nos "exercícios" que não estão habituados a fazer, não achando tão estranho, mas ainda mostrando alguma confusão, como explicado anteriormente, principalmente em relação ao esboço. O facto de ser o tema das simetrias provou ser uma boa escolha para abordar esta atividade, devido ao gosto de desenharem e descobrirem as várias simetrias possíveis.

Atividade 3 – Deixa a tua marca (Português, Educação Literária, Expressão Plástica)

A terceira atividade (anexo V) realizada como elemento de investigação foi "Deixa a tua marca". No dia 5 de maio de 2021, foi explorada em duas partes, na hora de português e na hora de expressão artística.

A obra “O ponto” de Peter H. Reynolds fala sobre uma menina, a Vera, que como “não sabia desenhar”, como ela referia, nunca desenhava.

Ao longo do estágio, em que já se trabalhava com a turma há três semanas, foram inúmeras as vezes que se ouviu: “mas eu não sei desenhar” ou “eu não consigo”. Ao descobrir esta obra, o pensamento foi imediato, que seria interessante abordar com os alunos este tema, trabalhando várias áreas ao mesmo tempo.

Como referido, a atividade estava dividida em duas partes: a ficha de leitura (anexo VI) e a produção de Artes Visuais, de acordo com a história.

A turma sempre gostou de participar na leitura para o grupo e na discussão de respostas e opiniões em grande grupo, e mostrar as suas conclusões. Logo, durante a realização da ficha de leitura, todos os alunos queriam participar na discussão das respostas.

Dividiu-se a história em duas partes, de forma a explicar os dois principais momentos da obra. Foi apresentado, em primeiro lugar, a obra à turma, falando do autor, da capa e da contracapa, refletindo sobre o tema da obra, cada um colocando a sua perspetiva do que se tratava.

Depois da leitura da primeira parte em grande grupo, os alunos responderam às questões alusivas ao excerto acabado de ler, e no final, foram ouvidas e discutidas as diferentes respostas em grande grupo, principalmente nas perguntas de caráter mais aberto. O mesmo foi feito com a segunda parte da ficha de leitura, sobre a mensagem da obra, e discutindo sobre a mesma.

Na segunda parte da atividade, na aula de Artes Visuais, relembrou-se sobre o que se tinha abordado na aula de Português e sobre a obra.

Foi iniciada a discussão pela estagiária, através de questões relacionadas com a obra, e também com o tema, principalmente sobre o saber ou não desenhar.

A frase emblemática obra que foi trabalhada foi estipulada pelo autor como “Deixa a tua marca”, algo que foi, também, discutido com a turma. Foram várias as respostas dadas, nesta discussão em grande grupo, variando de uma forma mais literal em relação à história e de uma forma mais metafórica:

Estagiária: Ao dizer “Deixa a tua marca”, o que é que acham que significa esta expressão?

Aluno 1: Significa assinar os nossos trabalhos?

Estagiária: Sim, pode ser. Alguém com outra opinião?

Aluno 2: Deixar a tua marca pode ser deixar um bocado de nós em cada coisa que fazemos?

Estagiária: Como assim? Consegues explicar melhor?

Aluno 2: Por exemplo, quando dizes para fazermos à nossa maneira. Ao nosso gosto, é isso?

Aluno 3: Pode ser como deixar a nossa marca em alguém também?

Estagiária: Os dois têm razão sim. Pode ter os dois significados.

Aluno 1: Então, nos desenhos que nós fazemos, estamos a deixar a nossa marca?

Estagiária: Sim, e não só. Em qualquer coisa que fazermos, é possível deixarmos a nossa marca, sendo através de um trabalho, de uma ação ou até por palavras. Todos têm um peso.

Aluno 4: Como quando morre alguém, e nós temos saudades dessa pessoa, é porque ela nos deixou uma marca.

Estagiária: Exatamente sim. E cabe a nós decidir se queremos deixar uma marca positiva ou não, nos outros.

Apesar de a discussão se ter direcionado um pouco fora do tema das artes, a turma acabou por compreender o significado da expressão, em relação ao tema da obra estudada.

Estagiária: Em relação ao livro, por exemplo, de que forma acham que a Vera deixou a marca dela?

Aluno 5: Ao fazer o primeiro ponto, e assinar?

Estagiária: Sim, ela ao assinar deixou claro que foi ela que desenhou aquele trabalho.

Aluno 5: E depois fez os outros pontos todos diferentes.

Estagiária: Exatamente, e assim sabemos que esse tipo de trabalho seria o da Vera, porque acaba por ser a marca dela.

Aluno 6: E depois o menino do final fez com a linha.

Aluno 3: Como ela deixou a marca dela, ela ajudou o menino a deixar a dele.

A partir desse ponto foi explicado, então, que quando é pedido um trabalho, mesmo que não nos sentimos completamente à vontade para o fazer, é importante deixar um bocadinho de cada um nas coisas que são feitas.

Para a produção gráfica/plástica, foi pedido que cada um fizesse o seu ponto, ao mesmo tempo que foram mostrados vários exemplos do que poderia ser feito, explicando que havia liberdade de escolha para o trabalho, desde que o formato fosse de um círculo, como explorado na obra “O ponto”.

A segunda restrição colocada foi a palete de cores que poderiam usar: ou usavam cores frias (verde, azul, roxo) ou usavam cores quentes (amarelo, vermelho, laranja), o que deu para relembrar sobre a teoria das cores, nesse parâmetro.

Houve vários trabalhos diferentes, onde o formato mais usado foi o de mandala. Este formato foi usado de várias formas, no qual vários alunos explicaram que estavam a fazer como no azulejo, só que “redondos”.

Como podemos ver pela Figura 8, um dos exemplos diferentes foi o desenho de um nenúfar, usando cores frias, onde dois alunos criaram, também em formato padronizado, o seu desenho. Outro exemplo foi o uso da técnica do pontilhismo, dado que era um dos exemplos apresentados no início da atividade (que foi explorada numa aula seguinte), onde foram criados planetas, animais ou figuras abstratas, utilizando esse método.

Figura 8 - "Pontos" criados pela turma

De seguida, os alunos pintaram a moldura (Anexo VII) à volta, e criou-se a "galeria" dentro da sala de aula (Figura 9), expondo os vários trabalhos lado a lado, mostrando a variedade de desenhos criados, sobre o tema de "Deixa a tua marca"

Figura 9 - "Galeria"

Ao longo da dinamização de atividades, a turma mostrou uma maior abertura às atividades apresentadas pela estagiária. Esta foi um dos exemplos em que os receios moravam na "falta" de criatividade que os alunos diziam que tinham. Uma das razões que fundamentam aa escolha desta obra diz respeito a esse sentimento que muitos sentiam na turma, mostrando que a arte é algo subjetivo, e que todos podemos desenhar.

No entanto, a turma mostrou-se empenhada no desenrolar da tarefa, não só na primeira parte, mas também no desenhar do ponto, pedindo feedback várias vezes ao longo da aula de Artes Visuais.

Na semana seguinte, quando foram expostos todos os trabalhos na sala de aula, uma das alunas mostrou um "livro" que ela própria criou, sobre o resumo da história, e outros exemplos que criou do ponto, fazendo como a Vera (a personagem principal da história), com vários pontos diferentes, referindo que gostou muito da história, e que a fez querer fazer mais trabalhos assim.

A interdisciplinaridade começou a fazer cada vez mais sentido, e a turma adaptou-se bem a esta tipologia de abordagem. Neste caso, seria o mais habitual, sendo a atividade baseada numa história, mas o empenho foi aumentando ao longo do período de estágio, o que se notou no desenrolar desta atividade.

Atividade 4 – Pelos Caminhos de Portugal (Estudo do Meio, Matemática, Português, Expressão Plástica)

A quarta e última atividade (anexo VIII) realizada, intitula-se **Pelos Caminhos de Portugal**, e foi apresentada no dia 18 de maio de 2021. Esta atividade estava dividida em 3 partes, na qual o tema abordado foram os distritos de Portugal.

Esta atividade era complexa, devido às várias partes que a compõe e, também, relativamente ao tempo necessário para a realizar, uma vez que engloba as áreas de Estudo do Meio, Matemática, Português e Artes Visuais.

De forma a explorar os vários distritos de Portugal Continental, foi pensado numa forma mais dinâmica para conhecer mais sobre cada um.

Em primeiro lugar foi relembrado o que era um distrito, o que era um concelho e o que era uma freguesia. E, depois, quais eram aos da escola, o que fez com que se falasse de membros familiares que eram de outros sítios do país, ou até mesmo do estrangeiro.

Depois, foi apresentado o mapa de Portugal Continental (Figura 10), dividido por distritos, onde se tentou adivinhar os 18 distritos em grande grupo, acertando quase todos.

Figura 10 - Apresentação do mapa de Portugal Continental

Esta revelou ser uma boa escolha para a introdução do tema devido ao interesse que a turma demonstrou, quase como se fosse um jogo.

De seguida foi apresentado a primeira parte da atividade – a pesquisa. Foi distribuído a ficha "Pelos Caminhos de Portugal" (anexo IX), onde foi explicado que o trabalho seria realizado em pares, e que cada par iria ficar encarregue de um distrito.

Como explicado na planificação, iria ser escolhido um monumento de cada distrito, e iria ser feita a pesquisa sobre a história do distrito e sobre a história do monumento escolhido. Dado o número de pares ser 10, para 18 distritos, dois pares fizeram apenas sobre um distrito – Lisboa e Porto – e escolheram dois monumentos de cada um dos distritos.

A pesquisa (Figura 11) foi realizada na sala de computadores, e foi planeada para ser realizada na hora e meia de Estudo do Meio. No entanto, foram precisos dois blocos de 1h30m, dada as dificuldades apresentadas pela turma no manuseamento do computador e do motor de busca no equipamento, algo que não tinha sido pensado como dificuldade acrescida.

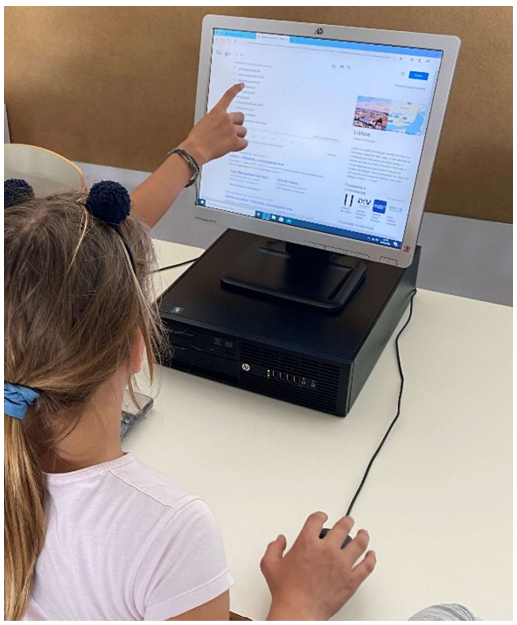


Figura 11 - Pesquisa sobre Lisboa

Desta forma, o trabalho atrasou-se mais do que era espectável, o que acabou por atrasar as outras partes da atividade planeada.

Contudo, a turma mostrou-se bastante empenhada e motivada por trabalhar dessa forma por não ser algo habitual na sua rotina, o que se veio a revelar como um ponto positivo, apesar da excitação ser mais elevada do que o normal.

Como referido, muitos pares mostraram dificuldade na pesquisa, não sabendo bem onde pesquisar, o que pesquisar e, principalmente, como retirar a informação. Dado não ser algo habitual, a expectativa diminuiu para a resolução final do trabalho, não esperando tanto como planeado. Para conseguir chegar a todos os pares foi necessário ao auxílio de outros docentes, para não haver atrasos muito longos para a atividade.

A segunda parte da atividade era a construção de um texto de informação (Figura 12). Como já tinha sido abordado numa aula anterior, os alunos já conheciam as suas características, o que motivou para a autonomia na construção textual. A partir da informação retirada, escreveram os seus textos, para depois serem revistos e corrigidos, para serem reescritos e depois apresentados.

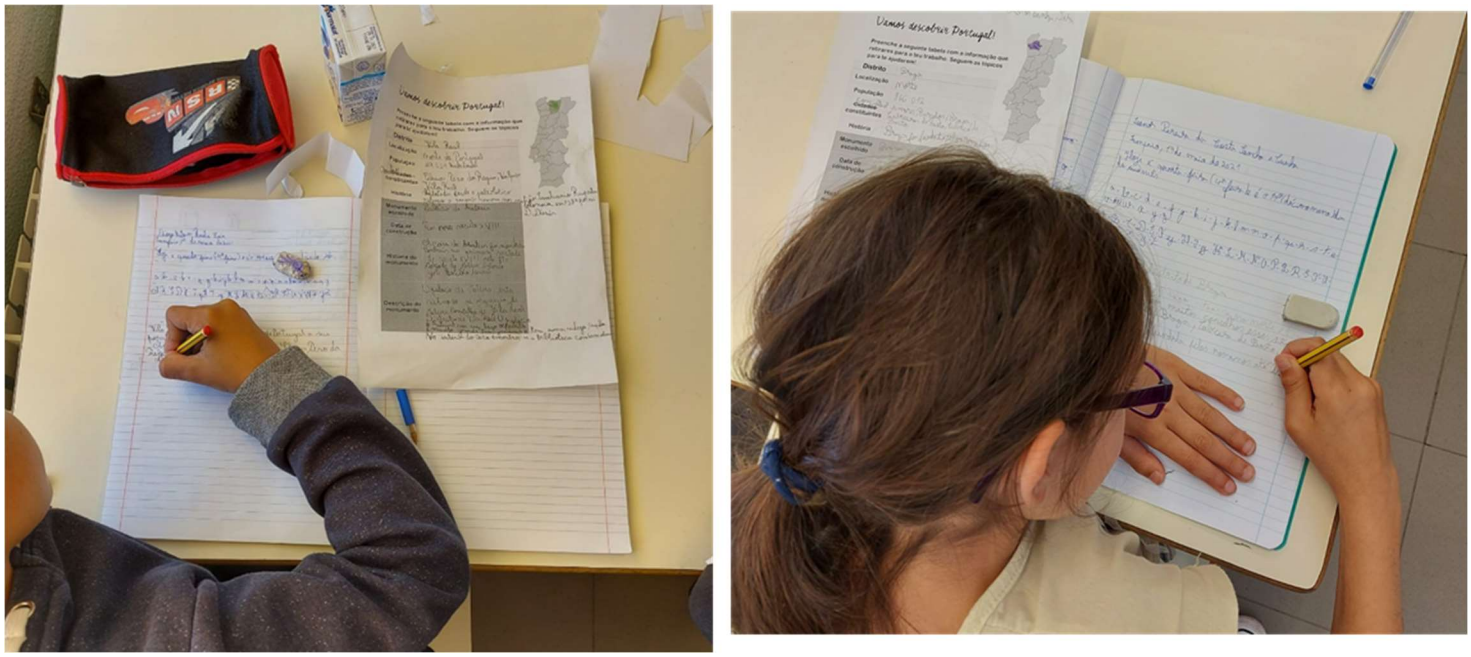


Figura 12 - Escrita do texto informativo, a partir da informação retirada

Como referido, maior parte dos pares retirou muita informação, o que levou a terem mais dificuldade na escolha para colocarem no seu texto. Mas, com algumas indicações, foram conseguindo resumir, de forma a ficar um texto direto e sucinto.

A terceira parte da atividade foi a construção dos monumentos. Para isso foi necessária a impressão das imagens dos monumentos escolhidos, para os alunos identificarem as formas geométricas de cada parte do edifício. Foi mostrado um exemplo criado pela estagiária (o monumento da torre Eiffel, evitando escolher um monumento português, para dar total liberdade de escolha aos pares), de forma a compreender o que

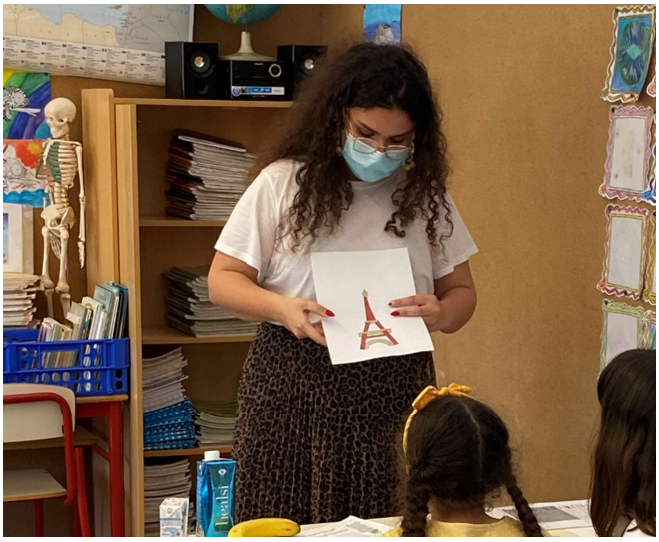


Figura 13 - Exemplo do monumento da torre Eiffel

era pedido (Figura 13).

Os alunos mostraram-se motivados para a atividade, sendo algo que não tinham feito até ao momento.

A identificação das figuras geométricas foi rápida, uns alunos sendo mais simples na escolha, outros mais pormenorizados. Neste caso, foi apelada à simplicidade, dados os monumentos terem vários pormenores que seriam difíceis de representaram através de figuras geométricas, e do recorte.

O trabalho foi primeiro planeado, através da realização de um esboço (Figura 14), onde foi referido quais as formas, e a sua localização, para facilitar o recorte das mesmas. O facto de já compreenderem a importância do esboço, devido à outra atividade, fez com que partissem logo para a criação do esboço, mesmo sem ser pedido.

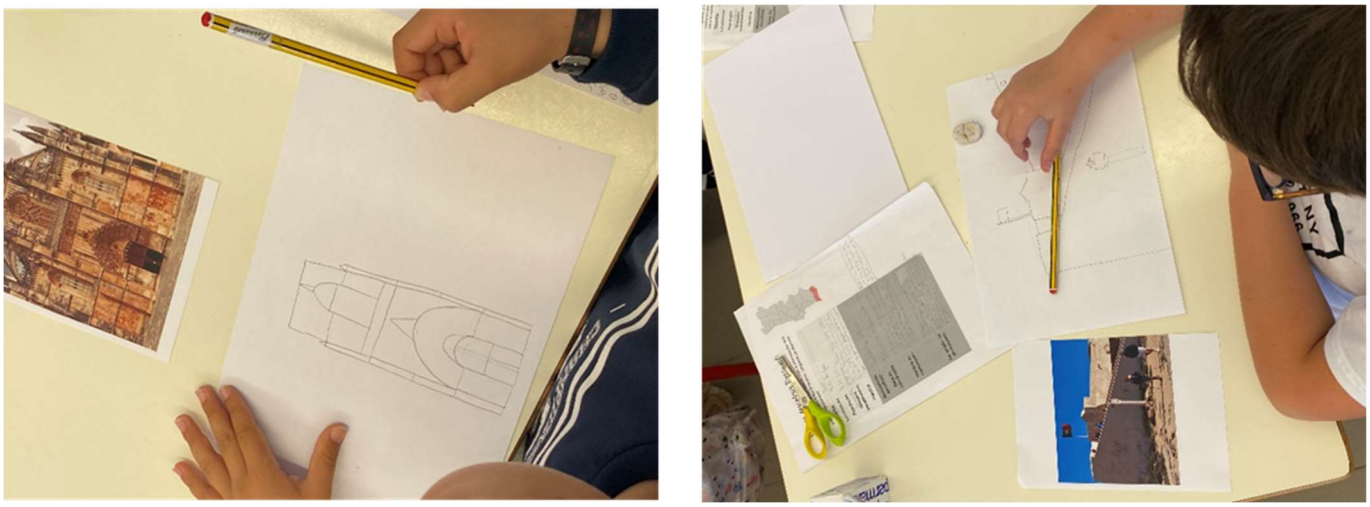


Figura 14 - Criação do esboço

De seguida, foi a montagem das peças pré-definidas no esboço, usando duas cores que criassem contraste, de forma a se identificarem as formas geométricas, como mostra a Figura 15.

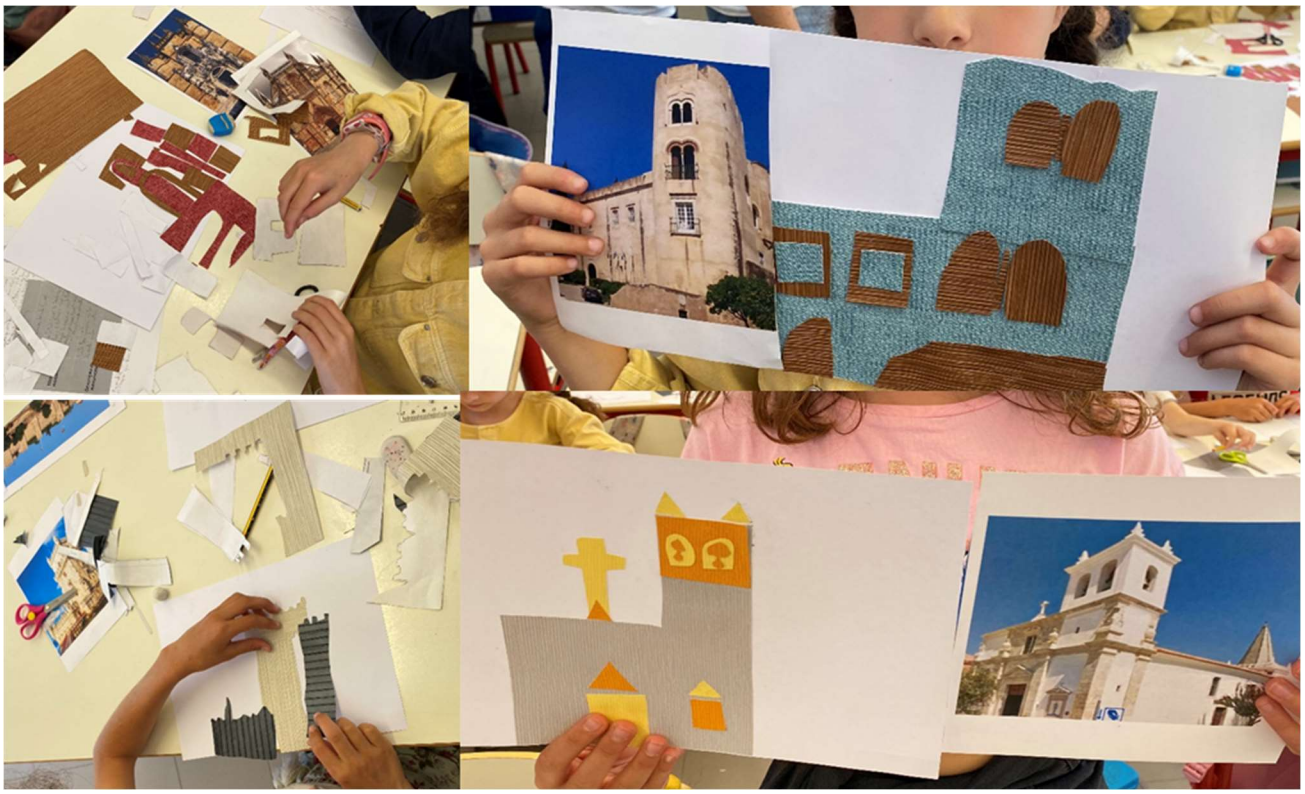


Figura 15 - Resultado Final dos monumentos

A quarta e última parte, foi a apresentação dos trabalhos em pares, para, depois, serem colocados no mapa no respetivo distrito abordado.

Os alunos, no decorrer da atividade, mostraram-se muito empolgados e contentes com o resultado final do mapa (Figura 16).

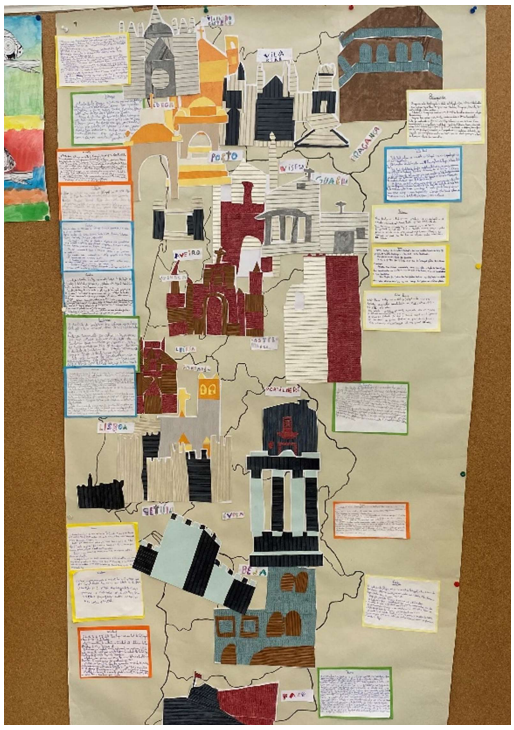


Figura 16 - Mapa com os monumentos e os textos informativos

Esta atividade foi, de todas, a mais complexa, devido às várias partes que a engloba e o facto de ter todas as áreas incluídas numa só planificação. Prolongou-se mais do que planeado, passando para 5 blocos de aula, em vez dos 3 previstos, o que incapacitou a quinta intervenção pensada para as duas últimas semanas de estágio.

No entanto, o produto final ficou melhor do que previsto, e a participação da turma foi positiva, em todas as fases da atividade. No seu decorrer, foram realizados com os pares, vários momentos de conversa informal, com o intuito de analisar a compreensão dos alunos em relação ao tema, mas também às outras áreas a serem trabalhadas.

Os alunos mostraram ter adquiridos conhecimentos sobre o tema base – os Distritos de Portugal –, mas também sobre o texto informativo, referindo as suas características quando apresentando à estagiária, e até na construção dos monumentos.

3.3. ENTREVISTA INFORMAL

A entrevista foi realizada a um grupo de 5 alunos selecionados pela estagiária. O critério de seleção foi pela abertura na expressão das suas opiniões e pela capacidade de analisar o percurso percorrido.

No entanto, é importante salientar que, como explicando ao longo do Capítulo 3, ocorreram várias conversas informais sobre as atividades dinamizadas com os alunos, incluindo toda a turma.

Esta entrevista foi realizada no dia 2 de junho, com o objetivo de compreender, a um nível mais direto, qual o impacto da abordagem interdisciplinar na rotina da turma, e identificar os pontos positivos e os pontos negativos durante o período de estágio.

A primeira questão colocada foi **Qual a atividade que mais gostaram, que se realizou durante o estágio?** e as respostas foram diferenciadas de aluno para aluno.

> **Aluno 1:** Eu gostei daquela atividade que fizemos os pontos.
> **Estagiária:** A do pontilhismo? Que fizemos sobre os planetas?
> **Aluno 1:** Sim! Eu fiz um Sol e a (Aluno 2) fez o planeta Marte.
> **Aluno 2:** Eu gostei daquela que fizemos com os computadores.
> **Aluno 3:** Eu gostei daquela que tínhamos o mapa de Portugal.
> **Estagiária:** A de construirmos os monumentos?
> **Aluno 2:** Sim, é a mesma que a minha. Essa era a última parte dessa atividade.
> **Aluno 4:** Eu gostei mais daquela com a moldura, que tínhamos de desenhar o ponto.
> **Estagiária:** E tu, Aluno 5, qual é que gostaste mais?
> **Aluno 5:** Eu gostei de todos, mas gostei mais da do ponto, porque gostei muito da história. E de depois fazer o meu ponto, também.

Todos os alunos desse grupo referiam que gostaram de todas as atividades, umas mais que outras, ou gostaram de momentos de cada uma das atividades.

A segunda questão foi relacionada com a última atividade, porque, a entrevista foi realizada logo após a apresentação dos trabalhos de cada par.

> **Estagiária:** Nesta última atividade, vocês conseguiram perceber o que trabalhamos?
> **Aluno 2:** Trabalho de grupo?
> **Estagiária:** Sim, trabalhamos em grupo. Em grupos de dois e três. E acham que facilitou ou dificultou o facto de ser em grupo?
> **Aluno 1:** Para mim foi mais fácil.
> **Aluno 2:** Para mim foi difícil, porque não me entendia com o meu par.

É importante referir que, durante o período de estágio, muitas das atividades desenvolvidas, mesmo as que não estão referidas neste relatório, foram realizadas em grupos ou em pares, por isso a pertinência da próxima questão.

> **Estagiária:** Então, acham que, ao longo destes dois meses, o trabalho de grupo ficou mais fácil, mais difícil, igual?

Aluno 3: Eu acho que foi difícil no início, porque nunca trabalhamos em grupo. Mas, agora para o final, foi muito mais fácil.

Aluno 5: Na primeira tarefa eu e Aluno 4 não parávamos de discutir, porque queríamos fazer coisas diferentes, mas depois ficou mais fácil.

Aluno 4: Sim, porque fizemos aquilo que disseste para fazermos.

Estagiária: O quê?

Aluno 4: De fazemos uma coisa que eu quero e outra coisa que o outro quer, para ser igual.

Durante o período de estágio, os alunos referiram várias vezes que não estavam habituados a trabalhar em grupos, principalmente no início. Foram várias as atividades realizadas em grupo, e, ao surgirem algumas dificuldades, foram-se encontrando algumas estratégias para contornar o problema. No final, a turma mostrava-se mais participativa e mais à vontade no desenvolver desse tipo de tarefas.

Para a continuação da entrevista, foi retomado o assunto principal – ver se os alunos tinham aprendido através da estratégia utilizada.

Estagiária: Então, para além do trabalho de grupo, o que é que trabalhámos nessa atividade?

Aluno 2: Os distritos?

Aluno 4: Sim. E eu senti que foi diversão ao mesmo tempo que trabalho.

Aluno 2: Por causa do computador não era?

Aluno 1: E também por construirmos com aquelas cores (criação do monumento)

Aluno 5: Com as formas geométricas!

Estagiária: Acham que a tarefa ajudou?

Aluno 2: Sim, para mim é mais fácil e rápido identificá-los no mapa.

Aluno 1: E aprendemos, também, um pouco sobre cada cidade.

Uma das principais preocupações no decorrer do estágio, era que os alunos confundissem os temas, ou não adquirissem os conhecimentos necessários, de acordo com a professora titular. Comparando o momento inicial com o momento final do estágio, era notória a maior abertura para a realização das diferentes tarefas, e, neste momento da entrevista, podemos concluir que a turma apreedeu bem os conhecimentos estipulados.

A maior parte da entrevista foi relacionada com a última atividade porque, quando foi realizada, tinha sido feita a apresentação dos resultados de cada grupo, logo vinha mais à memória as experiências em relação a essa atividade.

Por isso, para compreender o impacto que a abordagem interdisciplinar teve, a seguinte questão foi direcionada a uma outra atividade, realizada semanas antes.

Estagiária: Na atividade que fizemos para o dia da mãe… lembram-se dessa?

Aluno 1: Sim, a do azulejo?

Estagiária: Essa exatamente. Sabem-me dizer o que é trabalhámos nessa atividade?

Aluno 2: As figuras geométricas?

Aluno 3: A criatividade. Mas isso foi em todas as tarefas.

Aluno 5: A simetria?

Estagiária: Sim, criamos os azulejos através da simetria e, também, de figuras geométricas, em alguns casos.

Aluno 4: Então nessa trabalhamos a matemática, também.

Aluno 3: E expressões!

Com a segunda atividade, identificou-se que a turma compreendeu o que se tinha trabalhado, para além do desenho criado. Nesta atividade, a expectativa de terem compreendido era um pouco mais baixa do que as outras, por ter sido desenvolvida "na hora" da aula de Artes Visuais. Mas mostraram ter compreendido e, mesmo fora da entrevista, vários alunos referiram terem compreendido o que era um eixo de simetria.

Após a questão colocada, o grupo acabou por conversar entre si sobre a experiência das várias atividades dinamizadas, colocando a questão de se tinham trabalhado o português desta forma.

Aluno 1: Em português fizemos alguma coisa? Foi só o texto (i.e. texto de informação da atividade 4)

Aluno 3: Lemos o poema. Isso conta?

Estagiária: Sim, está relacionado com a expressão musical, uma das expressões artísticas.

Aluno 5: E, também analisamos a história do ponto, isso faz parte de português.

Aluno 5: Queria, também, dizer uma coisa. Nós nunca trabalhamos em folhas.

Estagiária: Em folhas?

Aluno 5: Sim. Em fichas e isso. Por isso é que gostei de todas as atividades. Foi mais divertido assim.

Aluno 3: Eu também achei mais divertido, e por isso foi mais fácil.

Esta última afirmação, da turma não ter trabalhado por fichas, foi algo que ambas as estagiárias tinham como objetivo durante o estágio. Apesar de termos folhas de registo para as atividades, até mesmo fichas de leitura, o grupo não as associou às fichas de trabalho usadas recorrentemente na sua rotina, referindo ser "mais divertido" e por isso "mais fácil".

Esta entrevista foi realizada com intuito de ter respostas mais diretas em relação ao feedback de cada atividade, e, principalmente, sobre a evolução em si da abordagem para com a turma.

Mostrou ter tido um impacto positivo na aprendizagem, dado que, em todas as atividades desenvolvidas, o grupo identificou o que foi trabalhado, e referiu ter apreendido mais facilmente os conhecimentos de cada tema abordado para com a turma.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao percurso realizado, considero que foi algo muito intenso e atribulado, principalmente devido às preocupações e receios sentidos no decorrer no estágio. Mas, com o tempo, várias aprendizagens foram realizadas, aprendendo a ultrapassar os vários obstáculos que surgiram.

A realização deste estágio foi, desde o primeiro momento, um contributo principal para o meu desenvolvimento como profissional, e também a nível pessoal, aprendendo um pouco sobre a prática, mas principalmente sobre mim própria e como reagir em certas situações. Estas aprendizagens não teriam sido realizadas sem a presença de vários elementos auxiliares no percurso, destacando não só a professora cooperante, mas também dos alunos que participaram nas atividades planificadas como se fossem da professora, e também com os professores de apoio, que foram uma mais-valia.

A ideia de explorar as Expressões Artísticas era algo que sempre esteve em mente para o projeto de investigação, desde que comecei o percurso académico. Ao ter a oportunidade de realizar intervenções em contexto de primeiro ciclo, fez-me analisar qual a melhor forma para o fazer.

Neste estágio, as áreas curriculares eram lecionadas por blocos, seguindo o horário estipulado pela professora titular da turma. Eram lecionadas de acordo com os temas do manual de cada disciplina, da ordem exposta nesse material, e seguindo pelo mesmo.

A área curricular de Educação Artística era trabalhada com a turma de forma isolada e apenas uma vez por semana, durante um hora e trinta minutos.

O conceito de interdisciplinaridade não era utilizado nas dinâmicas de sala de aula, e no lecionar das diferentes áreas curriculares, utilizando um método tradicional, usual em toda a instituição, não só neste grupo. Desta forma, o tema pensado teve de ser adaptado de forma a juntar pelo menos duas aulas para realizar a maior parte das planificações pensadas.

Como explicado anteriormente, o horário estava dividido por áreas, onde na hora de português apenas de trabalhava conteúdos dessa área, e assim sucessivamente para com as outras áreas. Dado o caráter da abordagem interdisciplinar, seria contraditório realizar essa divisão, logo o objetivo seria interligar as várias áreas curriculares, que foi o experimentado durante o período de estágio.

Contudo, a professora cooperante no início do estágio deu total liberdade para se trabalhar da forma que achássemos melhor para a nossa investigação, minha e da minha colega de estágio, estando disposta a alterar momentos no horário para se adaptar às nossas pesquisas e análises das questões pensadas.

Este foi um ponto positivo na participação com este grupo, pois deu liberdade de explorar várias coisas, principalmente, o de trabalhar mais do que uma área ao mesmo tempo, durante a mesma atividade. No entanto, pelo facto de os alunos não estarem habituados a este tipo de abordagem, foi necessário partir de atividades mais simples e diretas, até chegar, no final, à atividade mais complexa planeada durante todo o período de estágio.

Durante as semanas de intervenção, foi notória a evolução da participação dos alunos nas atividades, apesar de, desde início, ser um grupo bastante participativo. Com as atividades um pouco fora da normalidade da rotina da turma, houve a necessidade de uma explicação mais detalhada da resolução das mesmas, mas os resultados foram sempre o esperado ou melhor que era espectável, principalmente com a última atividade.

A criatividade foi um dos principais focos no meu trabalho, pois era algo que senti logo nos primeiros momentos, e na primeira atividade desenvolvida, que os alunos sentiam dificuldades. Esta dificuldade foi sendo ultrapassada ao longo das dinamizações e começaram a mostrar outro tipo de visão nos trabalhos e com uma mentalidade mais aberta na resolução do que era pedido.

De todas as atividades, a última foi a mais complexa, devido às várias partes integrantes, e também devido a elementos mais demorados, como a pesquisa de informação e a resolução do trabalho de recorte e colagem. Os alunos não estavam habituados a trabalhar com computadores, nem com motores de pesquisa, o que levou a um atraso significativo, devido à falta de autonomia.

Uma das preocupações foi perceber se, com esta abordagem, os alunos estavam a reter as informações necessárias sobre os vários temas estudados. Assim, no final de cada atividade fazia-se uma pequena avaliação geral sobre o que se tinha trabalhado e o que se tinha aprendido naquele dia, o que provou que, de facto, estavam a compreender o que estava a ser trabalhado.

A entrevista realizada no final do estágio foi uma mais-valia para saber a opinião dos alunos sobre o que foi trabalhado, e a forma como foi abordado. Foi perguntado o que gostaram mais e o que gostaram menos de forma a perceber o que é para melhorar e o que fica permanentemente na ação educativa.

Em relação à minha postura, inicialmente, era um pouco resguardada e muito nervosa, com muito medo de errar ou de não saber responder a algo e não corresponder às expectativas que tinha estipulado para mim própria. Mas, com o desenvolver do estágio fui compreendendo algo que ensinamos aos nossos alunos – para aprenderes tens de fazer– o que me levou a arriscar mais e sair da minha zona de conforto.

A comunicação era algo que considerava uma fragilidade, não na capacidade de gestão de grupo, mas na capacidade de presença perante um público e na capacidade de transmitir conhecimentos. Neste estágio notei uma alteração no meu comportamento, tornei-me mais confiante, mesmo, ao lidar com as dificuldades dos alunos. Apesar de ser algo difícil e possível de planear, nunca sabemos quais serão as dúvidas dos alunos, por esta razão é necessário ter várias formas de lidar com as diversas situações que possam surgir, e, também, aprender com elas.

Em relação a este trabalho, senti algumas dificuldades na parte da pesquisa da literatura para a investigação da temática, devido a ser um tema pouco trabalhado e investigado. De todo o processo, algo que gostava de ter feito era uma entrevista mais estruturada às docentes da turma, à professora titular e à professora de apoio, mas como não foi possível, apenas tive a oportunidade de estabelecer conversas informais. Com os materiais que consegui reter, tentei ao máximo usufruir deles de forma chegar a uma resposta às questões colocadas.

Em relação à primeira questão colocada nesta investigação – **Como são exploradas as várias subáreas das Expressões Artísticas em contexto de sala de aula?** – foram, apenas, analisados momentos em contexto de estágio em 4º ano de escolaridade.

Como previsto, as aulas de Expressões (como eram intituladas no horário estipulado) eram trabalhadas apenas uma vez por semana, durante uma hora e meia. Nessa sessão de hora e meia, eram realizadas atividades isoladas sem relação com as outras áreas curriculares trabalhadas durante a semana.

De acordo com a professora cooperante, as atividades realizadas eram, maioritariamente, da subárea de Artes Visuais, principalmente desenho e pintura.

Não houve grande diferença do que era expectável, devido a outros momentos experienciados em contexto de primeiro ciclo, na qual a maior parte das atividades eram à base de desenho ou pintura de um desenho já criado à priori.

A segunda questão – **Qual a predisposição das crianças para as atividades de Expressão Artística** – foi colocada com o objetivo de questionar o outro lado da "equação", ou seja, enquanto a primeira questão era sobre a perspetiva do profissional docente, a segunda questão era sobre a perspetiva da turma.

Uma das minhas ideias em relação a esta questão era que o interesse e o gosto dos alunos pelas Expressões Artísticas tinha estado a diminuir. E, com esta questão, queria compreender se esta minha ideia estava correta ou não.

Como referido ao longo do relatório, a turma era muito participativa nas atividades propostas, sendo estas de qualquer área curricular. As atividades realizadas recebiam o mesmo feedback. Inicialmente, a prestação era um pouco mais resguardada, devido à presença de estagiárias ser algo recente em sala de aula, mas participaram de forma ativa nas atividades. Com o seguimento do período de estágio, a turma mostrou-se mais aberta à participação das atividades propostas.

Durante a realização das atividades, ocorreram algumas conversas informais com os alunos, para compreender como se sentiam ao realizar as tarefas e quais eram as suas opiniões. De uma forma geral, os alunos gostavam das aulas de Expressões Artísticas, porque eram "mais divertidas" e "menos chatas" do que as outras áreas, como referido por um dos alunos. No entanto, um outro aluno referiu que não gostava tanto porque não sabia desenhar, ou outro aluno que referiu que não gosta de desenhar.

Onde se viu um maior empenho foi na última atividade realizada (Pelos caminhos de Portugal…), que consistia em várias partes, como explicado anteriormente. Os alunos que mostravam menos interesse nas aulas de Expressões referiram que, de todas as atividades, esta tinha sido a que tinham gostado mais.

Desta forma, não só motivou alunos com menos interesse na área a participar mais ativamente, como a área aumentou a motivação de outros alunos que mostravam gosto pelas aulas à priori.

A terceira e última questão colocada – **De que forma as artes facilitam as aprendizagens das crianças** – é a mais complexa de todas as outras pensadas para a realização desta investigação.

As "aprendizagens das crianças" eram relacionadas com todas as áreas do conhecimento trabalhadas em contexto de primeiro ciclo do ensino básico, como a abordagem interdisciplinar defende, ao se interligar duas ou mais áreas na exploração de um tema. Esta abordagem mostrou ter um impacto positivo no processo de aprendizagem das crianças.

Como explicado na parte da entrevista realizada a um grupo de alunos da turma, foi colocada a questão de se as aulas tinham ajudado a compreender outros conteúdos e o feedback foi positivo.

Ao se interligar, por exemplo, o português com a expressão musical (primeira atividade), tornou-se mais fácil a compreensão do poema, pois era uma canção que já conheciam, e identificaram melhor a sua leitura, devido ao ritmo conhecido.

Assim, é seguro afirmar que as artes facilitam a exploração dos outros temas, por primeiro, ter menos "regras" na sua concretização e, segundo, por ter um caráter mais lúdico, como referiram vários alunos, que oferece mais calma no desenvolver de qualquer tarefa.

Também é importante referir que, devido à realização da última atividade, em que a base era a divisão distrital de Portugal Continental, a turma, em vários momentos de avaliação, mostrou ter memorizado as localizações dos vários distritos, referindo-se ao que tinham trabalho ou que tinha sido apresentado à turma, o que mostrou o impacto positivo referido.

Todo o trabalho realizado, não só na prática, como também na pesquisa sobre a temática, foi feito com toda a dedicação e esforço, principalmente nos momentos mais desafiadores. Como explicado ao longo do relatório, a escolha do tema foi feita através do gosto pessoal pelo tema, e pela falta sentida nos vários momentos de estágio e de observação ao longo do percurso académico. E, em grande plano, compreendi o quão importante é para a prática educativa, mas também o quanto me identifico com a abordagem que utilizei, percebendo que é algo que quero continuar a utilizar e a explorar mais num futuro profissional.

Assim, como futura profissional na educação, sei que este estudo influenciou a minha parte educativa, como estudante, mas principalmente como futura professora. Ajudou-me a conhecer mais sobre os vários métodos que se podem utilizar, e as inúmeras formas que se podem explorar vários temas, alguns mais difíceis de trabalhar com crianças. Ajudou-me, também, a ir para além da zona de conforto, ao fazer algo que, apesar de complexo, faz sentido para com os meus ideais como docente futura.

REFERÊNCIAS E FONTES

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação.* Porto: Edições ASA.

Agarez, F. (2006). *Roteiro para a Educação Artística.* Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.

Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, 21-30.

Andrea, I. (2011). *Pedagogia das Expressões Artísticas.* Lisboa: ISPA.

Antunes, A. (2013). *As Expressões Artísticas na prática pedagógica do professor no 1º ano do 1º ciclo.* Lisboa: Escola Superior de Educadoras de Infância Maria Ulrich.

Augusto, A. I., & Falcão, M. (2016). Políticas para a Educação Artística em Portugal (2006-2016): um Olhar a Partir das Estruturas Curriculares e do Sistema de Apoios. *Atas do IV Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*, 212-222.

Barbosa, A. M. (s.d.). *Porque e como: Arte na Educação.*

Batista, E., Matos, L., & Nascimento, A. (2017). A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO NA PESQUISA QUALITATIVA. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação.* Porto: Porto Editora.

Conceição, R. (2015). *A arte na educação infantil - A importância para o desenvolvimento infantil.* Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.

Conselho Nacional de Educação. (2009). *A Educação das Crianças dos 0 aos 12 anos.* Lisboa: CNE.

Correia, A. F. (2014). *A expressão plástica no universo do desenvolvimento da criança.* Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.

Coutinho, C. P. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática.* Coimbra: Edições Almedina.

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Fereira, M., & Vieira, S. (2009). Psicologia, Educação e Cultura. *Investigação-Ação: Metodologia Preferecial nas Práticas Educativas*, pp. 455-479.

Eça, M. (2008). Educação artística em Portugal: entre a tradição e a rutura. *Pós: Belo Horizonte*, 26-36.

Eça, T. (2010). A Educação Artística e as Propriedades Educativas do Início do Século XXI. *REVISTA IBEROAMERICANA DE EDUCACIÓN*, 127-146.

Funenga, A. L. (2016). *Contribuitos das Expressões Artísticas no 1º ciclo do Ensino Básico: Em foco a sua articulação com outras áreas do.* Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.

Lopes, A. (2014). *A interdisciplinaridade como estratégia de ensino e aprendizagem no 1º CEB.* Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.

Marques, A. (2012). *A interdisciplinaridade em sala de aula, no 1º ciclo do ensino básico.* Algarve: Universidade do Algarve.

Mateus, R. (2019). *O ensino da expressão plástica no 1º ciclo do ensino básico.* Coimbra: Universidade de Coimbra.

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, 49-65.

Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais.* Lisboa.

Oliveira, M. (2017). (Re)pensar a Educação Artística na Formação Inicial dos Futuros Professores. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 19-32.

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. *Refletir e investifar sobre a prática profissional*, 5-28.

Read, H. (1958). *A Educação Pela Arte.* Lisboa: Edições 70.

Sampaio, M. F. (2018). *Discursos Didáticos das Expressões Artísticas no 1º Ciclo do Ensino Básico: Práticas e Estratégias.* Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia e Universidade Nova de Lisboa.

Santos, A. d. (2008). *Mediações Arteducacionais: Ensaios coligidos.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, C. (2019). *As Artes Visuais no Processo de Ensino-Aprendizagem dos Alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.* Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Sousa, A. B. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação.* Lisboa: Instituto Piaget.

Valente, T. (1993). O papel do professor de educação artística. *Educar*, 59-68.

Valquarema, A., & Coimbra, J. L. (2013). CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO: A educação artística como o caminho do futuro? *Educação, Sociedade e Culturas*, 131-146.

Veiga-Neto, A. (1998). *Currículo, Disciplina e Interdisciplinaridade.* São Paulo: FDE.

ANEXOS

ANEXO I – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADES “SOMOS LIVRES”

Objetivos:

- O aluno faz uma leitura fluente e segura;

- O aluno identifica o tema e compreende a mensagem do poema;

- O aluno é capaz de analisar o poema no que respeita à sua estrutura;

- O aluno recorre ao dicionário para compreender significados de eventuais palavras desconhecidas para si;

- O aluno exprime a sua compreensão do poema, mobilizando conhecimentos prévios sobre a temática do mesmo.

Conteúdos de Ensino-Aprendizagem:

- Português:

Educação Literária - Texto poético - "Somos Livres";

- Oralidade: Compreensão e Expressão

- Escrita: elaboração de respostas

- Estrutura e características do texto poético: estrofes, versos.

- Manuseamento do dicionário;

- Estudo do Meio: Sociedade – Revolução do 25 de abril de 1974;

- Educação Musical.

Recursos:

- Poema da música "Somos Livres" de Ermelinda Soares;

- Computador e colunas;

- Ficha de leitura (anexo 1);

- Material de escrita.

Desenvolvimento da Situação de Ensino-Aprendizagem

- **Apresentação da Tarefa:**

A presente tarefa surge da continuação das celebrações do 25 de abril, iniciadas na quarta-feira dia 21 de abril, com a atividade "O que é a liberdade?" inserida no âmbito da área de Artes Visuais com a leitura da história "A flor de abril" e a realização de um cravo. Durante a atividade foram passadas músicas alusivas ao 25 de abril, nomeadamente, "Somos Livres" de Ermelinda Soares. Neste sentido e, uma vez que este ano o 25 de abril é datado a um domingo, iremos explorar mais aprofundadamente este poema e a sua mensagem.

- **Exploração da Tarefa:**

Será realizada uma "ficha de leitura" com questões alusivas ao poema, de forma que os alunos, numa primeira abordagem, realizem leitura autónoma e silenciosa, passando à resposta das questões colocadas. Terá questões para serem exploradas antes da leitura e após a leitura, de forma a consolidarem os conteúdos do poema.

Questões essas que abordam não só aspetos relativos à compreensão do poema como também à estrutura do mesmo e à temática em questão.

- **Discussão e Sistematização**

Após o trabalho autónomo dos alunos, com o apoio das estagiárias sempre que necessário, proceder-se-á à leitura em voz alta individual em que serão trabalhados aspetos relativos à leitura e expressão oral, nomeadamente, no que toca à fluição da leitura e à entoação e articulação das palavras. Estes últimos também assegurados no trabalho realizado a partir exposição oral das respostas dadas pelos alunos às questões de interpretação e à partilha entre pares das suas opiniões em respostas de carácter mais aberto.

Para finalizar, os alunos irão, a partir da sua leitura e interpretação do poema, e após ouvir a adaptação musical, escolher uma das estrofes do poema e desenhar o que sentem ao ler e ouvir essa secção. Através da análise feita, fazer uma interpretação mais expressiva a nível artístico, de forma a interligar com as Expressões Artísticas.

ANEXO II – FICHA DE LEITURA “SOMOS LIVRES”

Ficha de Leitura

Antes da leitura:

Como sabes no dia 25 de abril, celebramos o Dia da Liberdade. O título do poema que vais ler é "Somos livres".
O que é ser livre?

1. Pesquisa no dicionário a definição.

Livre: _____

2. Quando falamos em "livre" pensamos na palavra "liberdade". Qual das duas opções te parece mais correta, quando falamos em liberdade?

☐ Ter liberdade é quando fazemos o que queremos, quando queremos, sem pensar nas repercussões.

☐ Ter liberdade é ter o direito que agir como queremos, desde que esse direito não vá contra o direito de outra pessoa.

Leitura:

Lê o poema seguinte.

Somos livres

Uma gaivota voava, voava
Asas de vento,
Coração de mar.
Como ela, somos livres,
Somos livres de voar.

Uma papoila crescia, crescia,
Grito vermelho
Num campo qualquer.
Como ela somos livres,
Somos livres de crescer.

Uma criança dizia, dizia,
"quando for grande
Não vou combater".
Como ela, somos livres,
Somos livres de dizer.

Somos um povo que cerra fileiras,
Parte à conquista
Do pão e da paz.
Somos livres, somos livres,
Não voltaremos atrás.

Depois da leitura:

3. Quantos versos tem cada estrofe do poema? E qual é o nome da estrofe?

_____

_____

4. Através do poema, indica uma palavra que rime com as seguintes:

Mar: _____ Combater: _____ Paz: _____

5. Lê o verso 7. Porque razão se diz "grito vermelho"?

_____

_____

6. Nos versos "Parte à conquista | Do pão e da paz", qual das opções explica o seu significado?

(a) O povo luta na guerra para ganhar pão.
(b) O governo luta com o povo para alcançar a paz.
(c) O povo passava fome e estava em guerra, então queria superar os dois problemas.

7. Explica o seguinte verso: "Somos um povo que cerra fileiras"?

_____

_____

_____

8. Porque é que os versos 12 e 13 estão entre aspas?

_____

_____

9. Porque é que o povo não quer voltar atrás?

_____

_____

_____

10. Como estaria o povo hoje, se não tivesse ocorrido a Revolução dos Cravos? Explica a tua opinião.

_____

_____

_____

_____

_____

Relaciono com as Expressões:

Agora que já fizeste a leitura e a análise do poema, ouve a adaptação musical feita. Esta canção foi construída no ano 1974 e celebra a liberdade conquistada. A canção é interpretada pela atriz Ermelinda Duarte, mas foram feitas várias adaptações desde essa altura.

Depois de ouvires a canção, escolhe uma estrofe do poema e, numa folha A4, desenha o que essa estrofe te faz sentir. O que te transmite a estrofe? O que significa? Como se representa?

ANEXO III – PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE

“AZULEJO PARA TI, MÃE”

Objetivos:

- O aluno utiliza os materiais de pintura de forma adequada e correta;

- O aluno reconhece e valoriza o património cultural, ao compreender a importância artística do azulejo português na nossa cultura;

- O aluno conhece e mobiliza os conceitos de simetria e eixo de simetria;

- O aluno reconhece o conceito de área e relaciona com o resultado final;

- O aluno aplica estratégias na resolução de problemas.

Conteúdos de Ensino-Aprendizagem:

Artes Visuais:

- Pintura
- Desenho

Matemática:

- Simetria e Eixos de Simetria
- Área

Estudo do Meio:

- Cultura portuguesa

Recursos:

- Guião "Um azulejo para ti, mãe!"
- Cartão de 10 x 10 cm;
- Pincéis;
- Tintas acrílicas;
- Azulejos (1 por aluno).

Desenvolvimento da Situação de Ensino-Aprendizagem:

❖ Apresentação da Tarefa

No âmbito da celebração do "Dia da Mãe" e articulando com conteúdo trabalhado em Matemática na presente semana, surge a atividade "Um azulejo para ti, mãe!" que visa trabalhar não só o metro quadrado como também os eixos de simetria, a nível da área da Matemática, e na construção do azulejo e do reconhecimento da história cultural da peça.

Esta tarefa está de acordo com o Projeto de Investigação de uma das estagiárias, onde o principal objetivo é o uso da área de Expressões Artísticas como ferramenta para o ensino de outras áreas de conteúdo, ou seja, a interdisciplinaridade com a área artística.

Nesta atividade, seria interligado, em grande plano, a Matemática (Geometria) com as Artes Visuais, onde, através da construção de um azulejo, sejam trabalhados os conceitos de simetria e, posteriormente, de área e perímetro, mas também da área do Estudo do Meio, onde os alunos conhecem mais um elemento da cultura nacional.

Em primeiro lugar, seria apresentado o Azulejo Português, a sua história e como é um dos elementos da nossa cultura. Através de um vídeo que mostra o Museu Nacional do Azulejo - https://www.youtube.com/watch?v=CNXkk28ZVqs – seria introduzido, então, o tema.

❖ Exploração da Tarefa

A aula estaria dividida em duas partes:

1ª parte:

Em primeiro lugar, seria relembrado os conceitos de simetria e de eixos de simetria. Dado que o azulejo português é, muitas vezes, criado através de vários eixos de simetria, seria discutido, através de vários exemplos de azulejos quantos eixos deveriam usar na construção do seu azulejo. A turma analisaria através de uma ficha que contivesse vários azulejos, de forma a facilitar a identificação dos eixos de simetria (anexo 13).

2ª parte:

Depois de identificados os eixos de simetria, cada aluno teria de criar o seu próprio azulejo, atendendo às suas características, tanto dimensionais como artísticas. Primeiro, realizariam um esboço no guião dado decidindo o padrão e as cores a utilizar. Depois de decidido, seria então transferido para o material, onde realizariam a pintura.

Para os alunos com necessidades educativas especiais, seria dado um desenho de azulejos para colorirem, com liberdade de escolha de cores, mas recorrendo à regra da simetria no seu trabalho (anexo 14).

- **Discussão e Sistematização**

Com o trabalho realizado e criado, seria discutido a beleza do azulejo na cultura portuguesa e a arte que é possível ser desenvolvida e construída.

Em ligação com a área da Matemática, seriam usados os esboços em papel, criados para planificar o trabalho final, de forma a interligar com o conteúdo da Área e do Perímetro, interligando os conceitos da Matemática a vivências do dia a dia e recursos materiais pertencentes ao nosso património.

Seriam colocados no quadro todos os azulejos, de forma a fazer um quadrado. Como cada quadrado tem 10 x 10 centímetros, seria realizado um cálculo para chegar à medida de lado do quadrado construído (que seria 50 cm por 50 cm, em princípio). Com a medida de lado do quadrado, seria pedido para calcularem o perímetro e depois a área, diferenciando os dois conceitos.

ANEXO IV – FICHA DE INFORMAÇÃO

Um azulejo para ti, mãe!

O que é o azulejo?

O azulejo é uma peça de cerâmica fina, geralmente em formato quadrado, onde uma das faces é vidrada. É geralmente usada em grande número como um elemento associado à arquitetura em revestimentos exteriores e interiores de edifícios ou como decoração.

O azulejo em Portugal...

Em Portugal, o azulejo foi e é uma das características da cultura e da arte portuguesas, assumindo-se como tal há mais de 500 anos. Este material é usado como arte de várias formas, representando, muitas vezes, histórias e momentos importantes. O seu uso mais recorrente é em padrões simétricos. Tradicionalmente estas peças são azuis e brancas, mas, recentemente, têm sido criadas de várias cores.

Vê os seguintes exemplos:

Consegues identificar a regularidade em cada um?

A simetria é quando duas partes de um elemento dividido ao meio são iguais.

Para identificarmos uma figura simétrica, basta dobrá-la por um eixo de simetria e ver se as duas metades ficam sobrepostas ponto por ponto.

Mas as figuras podem ter mais do que um eixo de simetria...

Consegues identificar quantos eixos têm cada um dos azulejos?

Agora, cria o azulejo para ofereceres à mãe. Primeiro planeias como o queres criar e as cores que queres usar e depois pinta-o!

ANEXO V – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE “DEIXA A TUA MARCA”

Objetivos:

- O aluno faz uma leitura fluente e segura, que evidencie a compreensão do sentido do texto;

- O aluno identifica o tema, compreende a história e exprime oralmente e por escrito as suas respostas relativas a questões de compreensão do texto;

- O aluno exprime uma opinião critica acerca de aspetos do texto;

- O aluno usa da palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmos adequados;

- O aluno distingue entre factos e opiniões, informação implícita e explícita, essencial e acessório para responder a perguntas de compreensão do texto.

Conteúdos do Ensino-Aprendizagem:

Educação Literária: leitura de narrativas.

Leitura: autónoma, silenciosa, fluente e segura.

Oralidade:

- Compreensão

- Expressão: atividades de expressão oral orientada (resposta oral às questões da ficha de leitura)

Recursos:

- Obra: "O ponto" de Peter H. Reynolds;

- Ficha de leitura (anexo 4)

- Material de escrita;

- Caderno diário de português.

Desenvolvimento da Situação de Ensino-Aprendizagem:

- **Apresentação da Tarefa**

  A tarefa é apresentada ao mostrar o livro à turma. A obra escolhida é "O ponto" de Peter H. Reynolds, ilustrada pelo autor. Esta obra conta a história de uma menina chamada Vera que dizia que não sabia desenhar, e a sua professora desafiou-a a deixar uma pequena marca no papel. No desenrolar da história, observa-se a mudança de atitude da Vera em relação ao seu trabalho, mudando de perspetiva em relação à arte e ajudando outros que estejam na mesma situação ou semelhante.

- **Exploração da Tarefa / Discussão e Sistematização**

  Para a exploração do livro, irá ser distribuída uma ficha de leitura, estruturada em três partes, o antes da leitura, durante a leitura e o após a leitura, realizando questões relacionadas com a obra em análise.

  Antes da Leitura

  A parte do antes da leitura irá ser feita em grande grupo, de forma a se discutir o que irá acontecer na história, explorando vários cenários possíveis, dado oportunidade de os alunos de se expressarem em relação às ilustrações.

  Durante a leitura

  Depois a turma irá ler a história, que estará dividida em duas partes (de acordo com a sequência da narrativa) e analisar o texto de acordo com as questões colocadas na ficha de leitura.

  A primeira parte da história é referida à Vera e à sua atitude em relação ao desenho, e a forma como a professora lidou com o assunto com o objetivo de ajudar a personagem principal.

  A segunda parte da história é sobre a mudança de atitude da Vera e o que é que ela construiu a partir da sua primeira marca. E como, no final, a sua experiência ajuda-a a compreender como ajudar os outros.

  Depois da leitura

  Com a ficha de leitura completa, e a análise do texto feita, seria realizada a discussão em grande grupo sobre a história. Seriam discutidas as respostas dadas às questões colocadas sobre a obra, e sobre o significado da mesma.

  Nesta discussão, seriam colocadas questões como "algumas vez estiveste no lugar na Vera?"; "já te sentiste como a Vera se sentiu?"; "o que achas da atitude da

professora? Achas que tem impacto no futuro da Vera”; de forma a serem trabalhados os vários conteúdos da obra.

Objetivos:

- O aluno integra a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão na sua produção (pintura; desenho, incluindo a produção de esboços);

- O aluno manifesta capacidades expressivas na sua produção, evidenciando conhecimentos adquiridos e empenho na mesma;

- O aluno utiliza a obra apresentada, nomeadamente as suas ilustrações, como base para a realização da sua produção;

- O aluno aprecia o seu trabalho e os dos seus colegas.

Conteúdos de Ensino-Aprendizagem:

- Pintura;
- Desenho;

- Elementos Básicos da Linguagem Visual: Forma, Cor

Recursos:

- Obra: "O ponto" de Peter H. Reynolds;

- Lápis de cor e/ou canetas de feltro;

- Folhas A4

- Cartolinas

- Papel de várias texturas e padrões

- Moldura

Desenvolvimento da Situação de Ensino-Aprendizagem:

- **Apresentação da Tarefa**
  Através da exploração da história "O ponto", na aula de Português, seria proposto a tarefa de serem eles próprios (os alunos) a "deixarem a sua marca".
  Seria pedido à turma que criassem a sua marca através de um ponto como a Vera fez, mas dando liberdade para escolherem como.

Para isso seriam mostrados vários exemplos, de forma a incentivar a turma a explorar opções mais criativas.

- **Exploração da Tarefa**

  Através de uma folha branca, cada aluno teria de desenhar um ponto. Da forma que achasse melhor, até representando objetos que têm a mesma "forma" que um ponto.

  Para isso acontecer, seriam disponibilizados vários materiais, como papéis de várias cores, lápis, lápis de cera, canetas, cartolinas, papel de parede com padrões (disponibilizado pela professora cooperante), mostrando as várias opções que se podem criar.

- **Discussão e Sistematização**

  Depois da criação da "marca" de cada um, seria disponibilizado uma moldura, como a do livro, para colocarem o seu desenho.

  Cada aluno teria de apresentar o seu trabalho à turma, explicando a sua ideia na construção do seu ponto e a sua inspiração também.

ANEXO VI – FICHA DE LEITURA “O PONTO”

Antes da Leitura

1. Observa a capa do livro e completa:

   O autor do livro chama-se _____.

   O título do livro é _____ e foi ilustrado por _____.

   A editora do livro é _____.

2. Olha para a capa do livro e para a sua ilustração. O que achas que acontece na história?

   _____

   _____

   _____

3. A menina que está na capa chama-se Vera. O que é que ela está a fazer?

   _____

   _____

   _____

Durante a Leitura

Lê o excerto do livro:

A aula de desenho tinha terminado, mas a Vera continuava colada à cadeira. A sua folha estava vazia. A professora da Vera debruçou-se sobre a folha em branco e comentou:

– Já sei! Um urso polar no meio de uma tempestade de neve.

– Muito engraçado – disse a Vera. – Eu não sei desenhar!

A professora sorriu.

– Tenta fazer uma marca qualquer e vê onde ela te leva.

A Vera agarrou num marcador e, com toda a força, cravou-o em cheio na folha.

– Pronto! Aí tem!

A professora pegou na folha e olhou-a com toda a atenção.

– Ummmm…

Em seguida devolveu-a à Vera e pediu-lhe:

– Agora, assina.

Durante alguns segundos, a Vera ficou pensativa. "Bem… talvez não saiba desenhar, mas assinar o meu nome, eu sei."

Na semana seguinte, quando entrou na sala, a Vera não quis acreditar no que viu pendurado por cima da secretária da professora. Era o ponto que tinha feito! O seu ponto! Numa magnífica moldura dourada!

Responde às questões seguintes:

1. A Vera não tinha o trabalho feito no final da aula de desenho. Porquê?

_____

_____

2. Uma das coisas que a professora disse à Vera foi "Já sei! Um urso polar no meio de uma tempestade". Explica o significado desta expressão.

_____

_____

3. A professora ao ver o trabalho da Vera, pediu para ela assinar. E depois emoldurou-o. Achas que foi a atitude certa a ter? Porquê?

_____

_____

_____

4. Observa as imagens. Faz a ligação, de forma que faça sentido em relação ao texto.

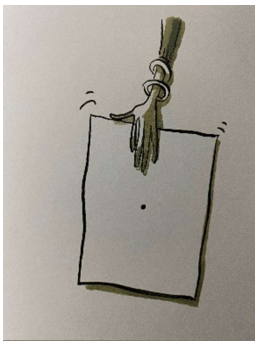
"(…) a Vera não quis acreditar no que viu pendurado por cima da secretária da

"- Agora, assina"

"A Vera agarrou num marcador e, com toda a força, cravou-o em cheio na folha."

"A professora da Vera debruçou-se sobre a folha em branco (…)."

"A sua folha estava vazia."



Lê agora a segunda parte da história:

– Pfff! Eu consigo fazer um ponto melhor que aquele!

A Vera abriu a sua caixa de aguarelas ainda por estrear e deitou mãos à obra. A Vera pintou e pintou. Um ponto encarnado. Um ponto roxo. Um ponto amarelo. Um ponto azul. Quando o azul se misturou com o amarelo descobriu que podia fazer um ponto verde. A Vera continuou a experimentar pontos e mais pontos de diferentes cores.

"Se consigo fazer pontos pequenos também sou capaz de fazer pontos grandes."

A Vera começou então a espalhar as suas cores com um pincel maior num papel maior, de modo a fazer pontos ainda maiores.

A Vera até fez um ponto sem pintar um ponto.

Algumas semanas mais tarde, na exposição de arte da escola, os pontos da Vera foram um enorme sucesso. Ali, a Vera reparou num rapaz que não tirava os olhos dela.

– Tu és uma artista incrível. Quem me dera saber desenhar – disse ele.

– Aposto que consegues – garantiu a Vera.

– Eu? Não. Eu nem sequer consigo fazer uma linha direita com uma régua.

A Vera sorriu. Entregou ao rapaz uma folha em branco e pediu-lhe:

– Mostra-me.

O lápis do rapaz tremia enquanto traçava a sua linha. A Vera olhou com atenção para o rabisco do rapaz e depois disse…

– Agora, assina.

Responde as questões seguintes:

1. O que é que a Vera começou a fazer depois de ver o seu primeiro trabalho emoldurado?

   _____

   _____

2. A Vera, ao misturar azul com amarelo, descobriu o verde. Será que há mais cores que conseguimos criar a partir de outras? Quais? Mostra, na tabela as misturas que conheces.

	+		=	
	+		=	
	+		=	

2.1. Olhando para a tabela que criaste, consegues identificar várias cores. Elas podem ser divididas em grupos. Sabes quais são? Identifica as que souberes:

   _____

   _____

   _____

3. Porque é que a Vera fez tantos quadros?

   _____

   _____

4. Muitas pessoas gostaram do trabalho da Vera. Retira do texto uma frase que justifique esta afirmação.

   _____

   _____

5. Quem diz a frase "eu nem consigo fazer uma linha direita com a régua"?
   a. A Vera
   b. A professora
   c. O visitante da exposição

ANEXO VII – PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE “PELOS CAMINHOS DE PORTUGAL”

Objetivos:

- O aluno é capaz de planear e produzir discursos orais breves, com vocabulário variado e adequado;

- O aluno é capaz de apresentar a sua ideia de forma audível, com boa articulação e entoação;

- O aluno escreve relatos de acontecimentos, descrevendo o momento;

- O aluno utiliza processos de planificação, textualização e revisão de texto;

- O aluno identifica propriedades de figuras planas, justificando os critérios utilizados;

- O aluno desenha e descreve a posição dos polígonos;

- O aluno identifica os aglomerados populacionais na zona residencial;

- O aluno identifica a divisão distrital de Portugal Continental;

- O aluno reconhece o valor do património nacional e a sua importância na cultura portuguesa;

- O aluno utiliza as tecnologias de informação com segurança e responsabilidade;

- O aluno aprecia as diferentes manifestações artísticas;

- O aluno recorta as formas geométricas o mais próximo da realidade;

- O aluno reconhece o valor arquitetónico e cultural dos monumentos nacionais.

Conteúdos de Ensino-Aprendizagem:

Português:

- Oralidade: Expressão Oral

- Escrita

Matemática:

- Geometria e Medida

Estudo do Meio:

- Sociedade: Aglomerados Populacionais e Capitais de Distrito

- Tecnologia

Educação Artística:

- Artes Visuais: Experimentação e Criação

    - Desenho (esboço); Recorte e Colagem

Recursos:

- Mapa de Portugal (Distrital) em ponto grande;

- Computador;

- Ficha de Trabalho (pesquisa sobre capitais de distrito) (anexo 2);

- Protótipo do Trabalho Final (exemplo).

Desenvolvimento da Situação de Ensino-Aprendizagem

- **Apresentação da Tarefa**

Esta atividade está dividida em cinco partes:

- Apresentação e exploração do tema "Aglomerados Populacionais e Capitais de Distrito";

- Pesquisa sobre os 18 distritos e capitais de distrito, e seus momentos emblemáticos (de cada um);

- Construção dos monumentos através de figuras geométricas;

- Escrita de um pequeno texto sobre o monumento;

- Apresentação do trabalho.

<u>Primeira Parte</u>

Inicialmente, a tarefa será apresentada através de uma discussão em grande grupo sobre os aglomerados populacionais, onde será falado o que são aldeias, vilas e cidades, e exemplos que a turma conheça na sua zona habitacional (Sesimbra).

Depois, será colocada a questão "Que outras cidades conhecem?", prevendo que a turma consiga indicar mais algumas cidades do país que conheçam. A partir da discussão de ideias em grande grupo, serão relembrados os distritos de Portugal, no qual a turma já trabalhou anteriormente, e, de seguida, o que é uma capital de distrito e quais são capitais de distritos e as que não são. Serão diferenciados os dois conceitos, explicando que as capitais de distrito são as que "dão" o nome ao distrito. Algo a ser trabalhado, também, será que todas as capitais de distrito são cidades, mas nem todas as cidades são capitais de distrito, como por exemplo Torres Vedras, no distrito de Lisboa.

Depois da apresentação do tema à turma, serão explicadas as várias fases da atividade em pares, para a turma ter uma noção do que vai ser feito ao longo das sessões planeadas.

- **Exploração da Tarefa**

Segunda Parte

Em primeiro lugar, a turma será dividida em grupos de dois alunos. Dado que a turma tem 21 alunos, serão criados nove grupos de 2 e um grupo de 3 alunos, obtendo 10 grupos. Serão, de seguida, sorteados os distritos de Portugal pelos pares criados. Como Portugal está dividido em 18 distritos, cada par ficará com 2 distritos, há exceção de dois grupos que ficarão com apenas um distrito cada um (Lisboa e Porto).

Com os grupos criados e os distritos distribuídos, cada par partirá para a pesquisa de cada distrito, descobrindo um pouco sobre a sua história e, finalmente, sobre um monumento emblemático ou característico de cada distrito. No caso de Lisboa e Porto, duas das cidades mais populosas do nosso país, serão escolhidos dois monumentos de cada cidade.

Para esta pesquisa será disponibilizado um guião de pesquisa, de forma a ajudar os pares a, não só encontrarem informação fidedigna como também informação relevante, de forma a evitar que o grupo retire a informação a mais ou informação incorreta. No guião serão colocadas questões para ajudar na pesquisa em relação ao distrito e, depois, em relação ao monumento escolhido.

Nesse guião serão colocadas questões como: "Qual é o teu distrito?"; "Qual o seu tamanho?"; "Qual é a sua população?"; "Que características específicas tem o teu distrito?".

Depois, para o Monumento escolhido, serão também, colocadas questões de forma a auxiliar na pesquisa, como: Em que ano foi construído? Por quem? Como é caracterizado? Encontras alguns factos interessantes sobre o monumento? Qual é o estilo do monumento?

Este guião seria preenchido para os dois monumentos escolhidos.

Terceira Parte

Depois da recolha da pesquisa pretendida, a turma passará para a terceira fase da atividade – a "criação" de monumentos com figuras geométricas.

A criação dos monumentos será realizada na terceira parte da atividade, onde os alunos irão utilizar figuras geométricas para recriar os monumentos de cada distrito. Para isso será necessária uma imagem de cada um para cada par identificar as formas geométricas que constituem o monumento. Por exemplo, na Torre de Belém a figura geométrica principal é o retângulo, logo terá de se contornar a caneta preta para realçar a forma. Depois de identificarem todas as formas, serão recortadas em papel de parede (com o padrão ou cor à escolha) e montadas de forma a ficar com a estrutura mais próxima da realidade.

Para isso será dado um exemplo de como ficará o trabalho final, com um dos monumentos emblemáticos da zona – o Castelo de Sesimbra – para a turma ter uma noção de uma das possibilidades do produto final.

Quarta Parte

Para a quarta parte da atividade, cada par terá de, através da informação recolhida, escrever um pequeno texto sobre o distrito e também sobre o monumento escolhido de cada distrito – a sua história, a arte envolvida, entre outros pontos. Através da informação recolhida, o grupo terá de estruturar o seu texto informativo, de forma coerente e com o vocabulário adequado, seguindo as normas na estrutura de um texto informativo.

Este texto será utilizado para, na quinta e última parte da atividade, cada par apresentar à turma o seu trabalho e colocar no Mapa de Portugal em tamanho grande, no local correto geograficamente.

❖ Discussão e Sistematização da Tarefa

Quinta parte

Na apresentação, terão de indicar quais os distritos que trabalharam, e os monumentos que escolheram e o porquê da sua escolha. Terão também de apresentar a história do monumento, com o apoio do texto criado para acompanhar o projeto dos monumentos.

ANEXO VIII – FICHA DE TRABALHO “VAMOS DESCOBRIR PORTUGAL”

Vamos descobrir Portugal!

Preenche a seguinte tabela com a informação que retirares para o teu trabalho. Segue os tópicos para te ajudar!

Distrito	
Localização	
População	
Cidades constituintes	
Monumento escolhido	
Data de construção	
História do monumento	
Descrição do monumento	